

A BOA ALMA DE SETSUAN

AUTOR: Bertold Brecht

N-umero de personagens: 20 homens e 10 mulheres.

Personagens:

Wang

1º Deus

2º Deus

3º Deus

Chen Tê

Sra. Chin

Mulher

Sobrinho

Marido

Desempregado

Marceneiro

Cunhado

Sra. Mitsu

Chuí Tá

Cunhada

Menino

Avô

Sobrinha - Rapariga

Policial

Velha

Matrona

Iang Sun

Sr. Chu Fu

Velho

Sra. Iang

Sra. Chuin

Bonzo

Garçon

Gerente

Número de páginas: 64

Número de exemplares: 1

Atos: 1

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Tema: A duplicidade existente
no ser humano, que balança
entre o bom e o mau.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE Nº R. 2. 244.



A BOA ALMA DE SETSUAN
de Bertold Brecht

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

A reprodução presente deste texto é para uso exclusivamente didático em disciplinas do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Somente a S.B.A.T. poderá autorizar sua utilização total ou parcial em qualquer tipo de montagem profissional ou amadora.

Tradução de
Geir Campos e
Antonio Bulhões



PRÓLOGO

NUMA RUA DA CAPITAL DE SETSUAN

(Entardecer. WANG, aguardeiro da cidade, apresenta-se ao público)

- WANG - Eu sou o aguardeiro. Este é um auro ofício: quando a água é pouca, tenho que ir longe buscá-la; e quando é muita, fico sem meu ganha-pão. Aliás, de modo geral, a pobreza impera aqui em Setsuan. É pelo que dizem, só os deuses ainda nos podem valer. Para inefável alegria minha, acabo de saber, por um tropeiro muito viajado, que alguns dos santos deuses já estão a caminho. Há três dias que estou aqui, à espera, na entrada da cidade, principalmente quando a noite cai, para ser o primeiro a saudá-los; deixando para depois eu não teria mais oportunidade de ficarão cercados de gente importante e não será fácil chegar até eles. Ah, se eu os pudesse reconhecer! Naturalmente não hão de vir juntos: talvez chegem um a um, para não dar na vista... Aqueles não podem ser, que voltam do trabalho. (WANG observa uns operários que passam) têm os ombros arriados de tanto carregar peso... O outro, lá, também é quase impossível que seja um deus: tem os dedos cheios de tinta, há de ser, quando muito, escriptorário na fábrica de cimento... E esses dois senhores, aí, tampouco me parecem deuses: tem cara de gente bruta que vive dando pancada, e os deuses não precisam disso. Já aqueles três... aí a coisa muda de figura: são em muitos tridos, não tem nenhum ar de trabalhadores, e trazem consigo pó nos sapatos como quem chega de longe... São eles que podeis dispor de mim, Santíssimos! (WANG POSTERNA-SE ANTE ELES).
- 1º DEUS - (SATISFEITO) Éramos esperados?
- WANG - (DANDO-LHES DE BEBER) Há muito tempo. Mas só eu tinha certeza de vossa vinda.
- 1º DEUS - Precisamos de alojamento para esta noite. Sabes de algum?
- WANG - Algum? Inúmeros! A cidade está às vossas ordens, Santíssimos. Onde quereis ficar?
(OS DEUSES ENTRELHAM-SE SIGNIFICATIVAMENTE)
- 1º DEUS - Vai à casa mais próxima, filho! Primeiro o que está mais perto.
- WANG - Eu só tenho receio de atrair sobre mim a ira dos poderosos, dando preferência a um em prejuízo dos outros.
- 1º DEUS - Por isso é que nós mesmos te ordenamos: vai ao mais próximo!
- WANG - Ali em frente mora o Senhor Fo! Um momentinho!
(VAI A CASA DO SENHOR FO. BATE. ABRE-SE A PORTA E PERCEBE-SE QUE WANG NÃO FOI BEM RECEBIDO)
- WANG - Que tolice! O senhor Fo não está, e os empregados não querem fazer nada sem autorização, porque ele é muito seve-



ro. A raiva dele não vai ser pouca é na volta, ao saber que vos recusaram, não é?

OS DEUSES - Sem dúvida!

WANG - A casa ao lado pertence à viúva Su... ela vai delirar de alegria!
(WANG VAI ATÉ A CASA DA VIÚVA SU. ALI TAMBÉM PERCEBE-SE QUE O MANDAM EMBORA)

WANG - Tenho que ir mais adiante: ela diz que só dispõe de um quarto pequeniníssimo, sem arrumação nenhuma. Vou dar um pulo à casa do senhor Tcheng.
(MESMA CENA)
O senhor Tcheng está possesso, a casa cheia de parentes, e não se atreve a expor-se aos vossos olhos, Santíssimos. Aqui entre nós, acho que é gente muito ruim e ele não vos quer mostrar. Está com mede de vós!

3º DEUS - Somos assim temíveis?

WANG - Só para gente ruim, não é? Sabe-se que a Província de Kuan, por exemplo, há dezenas de anos vem sendo castigada pelas inundações...

2º DEUS - Sim. E por que?

WANG - Ora, porque lá nenhum deus é respeitado.

2º DEUS - Absurdo! Só porque deixaram desabar a reprêsa.

1º DEUS - (AO 2º DEUS) Psiu! (A WANG) Ainda tens esperanças, meu filho?

WANG - Que pergunta! Basta eu ir a uma casa mais adiante e logo hei de achar acomodação para vós! Todo mundo não quer outra coisa que vos dar hospedagem... Infelizmente, haveis de compreender, a falta de sorte... Lá vou eu!
(WANG AFASTA-SE INDECISO QUANTO AO CAMINHO A TOMAR E PÁ-RA, VACILANTE, NO MEIO DA RUA)

2º DEUS - Que foi que eu disse?

3º DEUS - Enfim, pode ser azar...

2º DEUS - Azar em Chun, azar em Kuan, azar em Setsuan... Não há ma is respeito a deus, essa é a pura verdade que vocês não querem enfrentar! Nossa missão fracassou, têm que admittir!

1º DEUS - Ainda podemos encontrar uma alma boa, a qualquer momento. Não vamos apressar as conclusões.

3º DEUS - Nosso código reza: "O mundo poderá permanecer como está se nele se encontrar um número razoável de almas boas ca pazes de levar uma existência condigna." Ou eu muito me engano ou o próprio aguadeiro é uma dessas almas...



- 2º DEUS - Está redondamente enganado: enquanto o aguadeiro nos dava de beber, sabe o que eu percebi no copo dele? Veja? (APANHA O COPO DE WANG E MOSTRA-O AO PRIMEIRO DEUS)
- 1º DEUS - Fundo falso...
- (WANG ABORIA UM TRANSEUNTE)
- WANG - Meu caro senhor, desculpe-me abordá-lo, mas três dos supremos deuses, cuja vinda toda a cidade de Setsuan há vários anos aguardava, acabam de chegar realmente: precisavam de um lugar para dormir. Não vá passando assim, verifique o senhor mesmo: basta um simples olhar! Aproveite, é uma oportunidade única! Seja o primeiro a chamá-los, a acolhê-los sob o seu teto antes que alguém os convide.
(WANG DIRIGE-SE A OUTRO PASSANTE)
Meu caro, o senhor ouviu o que eu dizia: não terá, por acaso, um quarto livre? Nada de palacetes: a intenção é que vale!
(MESMA CENA)
Meu senhor, três dos deuses principais. As estátuas deles, no templo, são parecidíssimas! Se o senhor se apresentar...
(MESMA CENA)
Hipócritas! Não têm religião? Pois serão todos cozinhados em resina ardente, por essa indiferença! deuses estão cagando prá vocês! Vocês vão se arrepender! Até a quarta geração, vocês vão responder por isso! Setsuan está coberta de vergonha! (WANG FICA PARADO SEM SABER O QUE FAZER) Bem, falta ainda Chen tê, a prostituta: ela não pode negar!
(WANG APROXIMA-SE DA CASA DE CHEN TÊ. BATE. CHAMA-A: "Chen tê!" CHEN TÊ APARECE)
Sim, são eles, estão ali, e não há meio de achar acomodação! Tu não podes hospedá-los?
- CHEN TÊ - Eu não sei, Wang: estou esperando um cliente!
- WANG - Não seria possível dispensá-lo esta noite?
- CHEN TÊ - As coisas não me correm bem... Amanhã pela manhã devo pagar o aluguel...
- WANG - Isto não é hora de ficar fazendo contas...
- CHEN TÊ - Muito fácil falar. Mas o estômago reclama mesmo em dia Santo...
- WANG - Setsuan não passa de um monte de lixo.
- CHEN TÊ - Só se eu me esconder, quando o cliente vier.
- WANG - Então podemos subir já?
- CHEN TÊ - A gente fala abertamente a eles?
- WANG - Não. Teu ofício eles não devem saber!



- CHEN TÊ - Então é melhor esperar aí em baixo. (CHEN TÊ SAI).
- 1º DEUS - Já estou perdendo as esperanças.
- WANG - (APROXIMANDO-SE DOS DEUSES) O quarto está arranjado.
- OS DEUSES - Mesmo? Então vamos entrar!
- WANG - Só um momentinho, Santíssimos. É preciso, primeiro, pô-lo em ordem.
- 3º DEUS - Então vamos sentar-nos para esperar!
- WANG - Ficarei em casa de uma moça solteira. É a melhor alma de Setsuan. (WANG APANHA O COPO)
- 3º DEUS - Muito bem!
- WANG - Agora mesmo, quando apanhei o copo, eles me olharam de um jeito esquisito. Será que perceberam alguma coisa? Não tenho mais coragem de olhá-los nos olhos...
- 3º DEUS - A gente daqui vive em dificuldade?
- WANG - Quem é bom vive.
- 3º DEUS - E você?
- WANG - Eu não sou bom, mas também não tenho vida fácil. (UM HOMEM APARECE EM FRENTE À CASA DE CHEN TÊ. ASSOBIAM VÁRIAS VEZES. FINALMENTE, PREPARA-SE PARA SAIR)
- 3º DEUS - (PARA WANG, CALMAMENTE) Acho que agora ele vai embora.
- WANG - (CONFUSO) É.
(O HOMEM SAI. SILÊNCIO. WANG COMEÇA A FICAR INQUIETO. LEVANTA-SE PARA VER O QUE ESTÁ ACONTECENDO, PORQUE CHEN TÊ SE DEMORA TANTO. SEM SABER O QUE FAZER, AFASTA-SE DOS DEUSES).
- WANG - Ela me deixou na mão. Preferiu ficar com o dinheiro do aluguel, e eu fiquei sem pousada para os deuses. Eles estão cansados de esperar... Eu não posso voltar lá para dizer-lhes que não há mais quarto. Muito menos levá-los para o cano de esgoto que me serve de morada. Já não posso fazer nada pelos deuses que adoro. Agora, só me resta esconder-me de sua vista pelo resto dos meus dias. (WANG FOGE)
(MAL ELE SAIU, CHEN TÊ APARECE. PROCURA POR WANG, OLHANDO PARA OS LADOS, CHAMANDO-O. ENFIM, AVISTA OS DEUSES)
- CHEN TÊ - Sois vós os magníficos deuses? Eu me chamo CHEN TÊ: Ficaria imensamente feliz se vos dignásseis ocupar o meu pequeno quarto.
- 3º DEUS - Mas onde se meteu o aguadeiro?



- CHEN TÊ - Não sei. Na certa nos desencontramos.
- 1º DEUS - Deve ter pensado que tu não virias e não ousou voltar a nossa presença.
- 3º DEUS - (APANHANDO A QUARTOLA D'ÁGUA) Vamos guardar isto em tua casa, ele há de precisar.
(GUIADOS POR CHEN TÊ OS DEUSES ENTRAM NA CASA. ESCURECE. CLAREIA. SEMPRE CONDUZIDOS POR CHEN TÊ OS DEUSES CRUZAM A PORTA. DESPEDEM-SE)
- 1º DEUS - Minha boa Chen tê, agradecemos a hospitalidade. Tu foste a única a nos acolher: jamais esqueceremos. Devolvendo a quartola ao aguadeiro, dize-lhe que também lhe somos muito gratos por nos ter indicado uma boa alma.
- CHEN TÊ - Mas eu não sou boa. Devo confessar: quando Wang me pediu para vos hospedar, a princípio hesitei.
- 1º DEUS - A hesitação não importa, quando se vence. Fica sabendo que nos deste muito mais do que um lugar onde dormir. Muitas pessoas, e até deuses como nós, já se punham em dúvida quanto a ainda existirem almas boas. "Ainda há bondade na terra?" Foi para esclarecer essa questão que nós antes de mais nada, fizemos esta viagem. Agora, que já encontramos alguém, vamos seguir caminho alegremente. Adeus!
- CHEN TÊ - Esperai, Santíssimos! Eu não estou tão certa de ser boa. Bem que eu queria ser, mas, como hei de pagar meu aluguel? Vou contar a verdade: eu me vendo para poder viver, e mesmo assim não ganho o suficiente. Seria uma alegria para mim, se eu pudesse viver só para um homem, dedicada e fiel! Mas o que é que eu vou fazer? O fato é que, embora eu queira não consigo sair disto.
- 1º DEUS - Tudo isso, Chen Tê, são as dúvidas de uma alma boa.
- 3º DEUS - Passar bem, Chen Tê. Lembranças minhas, também, ao aguadeiro. Ele foi para nós um bom amigo.
- 2º DEUS - Com o que se deu mal, se não me engano...
- 3º DEUS - Que tudo te corra bem!
- 1º DEUS - E, antes de tudo, que sejas boa, Chen Tê! Adeus!
- CHEN TÊ - Como ser boa, Santíssimos, quando tudo está tão caro?
- 2º DEUS - Quanto a isso, infelizmente, nada podemos fazer. Não nos compete os problemas econômicos.
- 3º DEUS - Um minutinho, esperem! Se ela possuísse alguma coisa, talvez pudesse arranjar-se melhor!
- 2º DEUS - Nada lhe podemos dar: como iríamos explicar lá em cima?



- 1º DEUS - Não vejo inconveniente... (OS TRÊS DEUSES CONFABULAM JUN_TTANDO AS CABEÇAS)
- 1º DEUS - (EMBARAÇADO, A CHEN TÊ) Sabemos que não ganhaste para pa_gar o aluguel. Pois nós somos uns pobretões quaisquer e decerto pagaremos pelo nosso quarto. Aqui está. (DÁ-LHE DINHEIRO) Mas não contes a ninguém. Poderia ser mal in_{ter}pretado.
- 2º DEUS - Pois eu acho que é nosso direito! Podemos muito bem pa_gar pela nossa hospedagem: nada proíbe isso, em nosso có_digo. E mais uma vez, adeus.
(OS DEUSES PARTEM APRESSADAMENTE).

CENA 1
NUMA PEQUENA TABACARIA.

- CHEN TÊ - (AO PÚBLICO) Faz três dias que os deuses partiram, dei_xando dinheiro pela hospedagem. Quando olhei o que me ha_viam dado, vi que eram mais de mil dólares de prata. Mu_dei-me ontem para cá, e agora espero ter muitas ocasiões de praticar o bem. A senhora CHIN, por exemplo, antiga lo_{ca}tária desta loja, ontem já me pediu arroz para as crianças. E hoje lá vem, atravessando a praça, com sua gamela.
(ENTRA A SENHORA CHIN. AS DUAS INCLINAM-SE UMA DIANTE DA OUTRA) Bom dia, sra. Chin!
- SRA.CHIN - Bom dia, senhorita Chen Tê. Como se sente, em sua nova ca_sa?
- CHEN TÊ - Muito bem. E seus filhinhos, como passaram a noite?
- SRA.CHIN - Ai de mim, em casa estranha... se se pode chamar de casa um barracão daqueles! O menorzinho já começou a tossir.
- CHEN TÊ - Que pena!
- SRA.CHIN - Você não sabe o que é pena, tudo lhe corre bem... Mas não perde por esperar, aqui nesta baiúca. Este bairro é uma miséria.
- CHEN TÊ - Mas, pelo que a senhora disse, ao meio-dia aparecem os operários da fábrica de cimento.
- SRA.CHIN - Mas é raro que alguém compre alguma coisa... mesmo da vi_zinhança ...
- CHEN TÊ - Disso a senhora não me falou ao me passar a loja!
- SRA.CHIN - Ainda bem não começa e já vem com censuras! Primeiro nos tira a casa, a mim e a meus filhos, para depois dizer que é uma baiúca, que o bairro é uma miséria... É o cúmu_{lo}!
- SRA.CHIN - Mas eu preciso: hei de viver com o quê? Você me privou de tudo, e agora me põe a corda no pescoço? Pois vou co-



locar meus filhos na soleira de tua porta! (PUXA A GAME-
LA DAS MÃOS DE CHEN TÊ)

CHEN TÊ - Não fique assim tão nervosa, vai entornar o arroz!
(ENTRA UM CASAL DE MEIA IDADE, E MAIS UM HOMEM MAL VESTI
DO)

MULHER - Ah, minha boa Chen Tê, bem nos disseram que estavas me-
lhor da vida: passaste a mulher de negócios! Pois imagi-
na que estamos ao desabrigo. Perdemos nossa tabacaria...
E até vínhamos pensando se não seria possível ficarmos
uma noite aqui contigo. Conheces meu sobrinho? Veio jun-
to, ele não nos abandona.

SOBRINHO - (DEPOIS DE OLHAR EM TORNO) Bonita loja!

SRA.CHIN - Quem é essa gente?

CHEN TÊ - Meus primeiros senhorios, quando cheguei do interior pa-
ra a cidade. (AO PÚBLICO) Quando esgotei uns cobrinhos
que tinha, puseram-me na rua. Talvez estejam com medo de
que hoje eu faça o mesmo. (DIRIGE-SE CORDIALMENTE AOS RE-
CEM-CHEGADOS) Sejam bem-vindos! É com prazer que os rece-
bo. Mas só tenho um quartinho de depósito, aí nos fundos
da loja.

MARIDO - É o quanto basta. Não te incomodes. (ACOMODAM-SE PELO
CHÃO) (CHEN TÊ TRAZ O CHÁ)

SRA.CHIN - Espero que os fregueses também venham.

MULHER - Isso é indireta, é?

MARIDO - Psiu! Olha ali o freguês.

DESEMPREGADO - Desculpem, eu estou desempregado...
(A SRA.CHIN DÁ UMA RISADA)

CHEN TÊ - Em que lhe posso servir?

DESEMPREGADO - Ouvi dizer que a senhora inaugura a loja esta manhã...
Pensei que, na hora da abertura dos pacotes, talvez apa-
recesse alguma sobra. Um cigarrinho, talvez.

MULHER - Mas que topete: mendigando fumo! Ainda se fosse pão!

DESEMPREGADO - O pão é caro. E eu, com duas baforadas, me sinto um
homem novo.

CHEN TÊ - (DANDO-LHE UM CIGARRO) O importante é sentir-se um homem
novo. Você será meu primeiro cliente e vai me dar sorte.
(O DESMPREGADO ACENDO RÁPIDO UM CIGARRO, DÁ UMA TRAGADA
E SAI TOSSINDO)

SRA.CHIN - Se vai abrir a loja desse jeito, daqui a três dias não te
rá mais nada.



- MARIDO - Aposto que ele tinha dinheiro no bolso.
- CHEN TÊ - Ele disse que não tinha.
- SOBRINHO - E como você sabe que não mentiu?
- CHEN TÊ - E como vou saber que mentiu?
- MULHER - Você é boa demais, Chen Tê. Se pretendes continuar com a loja, é preciso aprender a dizer não.
- MARIDO - Diz que a loja não é tua, que pertence a um parente e ele te exige contas muito exatas. Não é uma boa idéia?
- SRA.CHIN - Ótima. Se ela não quizesse fazer sempre o papel da benfeitora...
- CHEN TÊ - (RINDO) Muito bem! Quem sabe eu começo pedindo meu arroz de volta, sra. Chin?
- MULHER - (SURPRESA, PARA A SRA.CHIN, REFERINDO-SE A CHEN TÊ) O arroz também é dela?
- CHEN TÊ - (PARA O PÚBLICO)
Eles são maus.
Não são amigos de ninguém.
Eles não podem ver ninguém
que tenha um pote, a mais, de arroz.
Eles são pobres.
Quem pode zangar-se com eles.
(ENTRA O MARCENEIRO. QUANDO A SRA.CHIN AVISTA O MARCENEIRO SAI ÀS PRESSAS)
- SRA.CHIN - Vejo-os amanhã de novo! (SAI)
- MARCENEIRO - Espere, sra. Chin! Eu ando à sua procura! (AOS QUE FICAM) Ela sabe por que corre. A senhora é a nova proprietária? Ah, já está arrumando as prateleiras... que aliás não lhe pertencem. A menos que queira pagar: aquela vigaris-ta, que estava aqui, nunca me pagou! Eu sou o marceneiro.
- CHEN TÊ - Pensei que tudo pertencesse ao estabelecimento, e eu já paguei...
- MARCENEIRO - Naturalmente você e esse senhora Chin estão de comum acordo, nessa patifaria. Mas eu faço questão dos meus cem dólares de prata.
- CHEN TÊ - Como é que eu posso pagar isso? Já não tenho mais dinheiro!
- MARCENEIRO - Então vou por em leilão! Ou paga, ou ponho em leilão.
- MARIDO - (SUSSURANDO) O primo!
- CHEN TÊ - Não pode deixar para o mês que vem?



- MARCENEIRO- Não!
- CHEN TÊ - Tenha um pouco de paciência, senhor Marceneiro. Eu não posso atender a tantas exigências.
- MARCENEIRO- E quem vai ter paciência comigo? Ou a senhora paga ou levo agora as prateleiras comigo.
- MULHER - Minha boa Chen Tê. por que não deixas o assunto aos cuidados do teu primo? (AO CARPINTEIRO) Anote por escrito a dívida pendente e o primo da senhorita Chen Tê logo pagará.
- MARCENEIRO- Conheço bem esses primos.
- SOBRINHOS - Para de rir feito um bobo! Conheço ele, pessoalmente.
- MARIDO - Um homem seríssimo!
- MARCENEIRO- Então está bem. Mas ele vai se ver comigo! (TIRA UM PAPEL DO BOLSO E COMEÇA A TOMAR NOTA)
- MULHER - (A CHEN TÊ) Se você joga um naco de carne no lixo todos os cachorros vadios do bairro vem brigar no teu quintal. Queres um conselho? Jamais reconheça uma dívida.
- CHEN TÊ - Mas ele fez o trabalho. É natural que receba. Além do mais tem família. Que pena eu não poder pagar. O que é que os deuses vão pensar?
(ENTRA O CUNHADO E A CUNHADA)
- CUNHADO - Ah! Estão aqui! Vocês são uns parentes formidáveis! Ficamos nós dois sozinhos esperando lá na esquina!
- MULHER - (CAUTELOSA, A CHEN TÊ) Este é Wung, meu irmão, e esta é a minha cunhada. (AOS DOIS) Parem de resmungar e sentem quietos num canto. (A CHEN TÊ) Acho que temos que acolher os dois, a cunhada está no quinto mês... Ou será que você é contra?
- CHEN TÊ - Sejam bem-vindos.
- MULHER - (AOS DOIS) Agradeçam.
(ENTRA A SRA. MI TSU)
- SRA. MI TSU-Senhorita Chen Tê, eu sou a dona do prédio, senhora Mi Tsu. Espero que nos entendamos bem. Isto é o contrato de locação. (ENQUANTO CHEN TÊ EXAMINA O CONTRATO) É um momento magnífico a abertura de um novo negócio, não é mesmo? (A CHEN TÊ) Quem vai ser o fiador, senhorita Chen Tê?
- CHEN TÊ - É indispensável haver um fiador?
- SRA. MI TSU-Bem, eu não conheço a senhora...
- MARIDO - Talvez eu possa servir de fiador da senhorita Chen Tê.



- SRA. MI TSU-E quem é o senhor?
- MARIDO - Eu sou o sr. Ma Fu, negociante de fumo.
- SRA. MI TSU-E onde é sua loja, sr. Ma Fu.
- MARIDO - No momento, estou sem loja: acabo de vendê-la.
- SRA. MI TSU-Entendo. (A CHEN TÊ) A senhorita não tem mais ninguém que possa lhe servir de fiador?
- MULHER - O primo. O primo.
- SRA. MI TSU-É absolutamente indispensável que haja um fiador idôneo. Esta é uma casa de respeito. Sem fiador, não podemos fechar negócio.
- CHEN TÊ - (LENTAMENTE, DE OLHOS BAIXOS) Eu tenho um primo...
- SRA. MI TSU-Ah, tem um primo... Muito bem, e de quem se trata? Podemos ir vê-lo juntas?
- CHEN TÊ - Não mora aqui, ele é de outra cidade.
- MULHER - É de Chung, não foi o que disseste?
- CHEN TÊ - Sim, é o senhor CHUI TÁ, de Chung. ←
- SOBRINHO - Este senhor aqui também já fez negócio com o primo da senhorita Chen Tê.
- MARCENEIRO- (ACABANDO DE ESCREVER) Está aqui a conta, prontinha para ele (ENTREGA) Volto amanhã de manhã. Passem bem. (SAI)
- SOBRINHO - (DIVERTIDO, AOS BERROS) Esteja descansado, o primo vai pagar!
- SRA. MI TSU-Pois eu também terei muito prazer em conhecer esse primo. Boa tarde, senhorita. (SAI)
- MULHER - Amanhã cedo ela já terá todas as informações a teu respeito.
- CUNHADA - E aí a porca torce o rabo!
- MENINO - Eles estão aqui!
- MULHER - Bom dia, avô! (A CHEN TÊ) Este é o avô querido, lembra-se dele? Deve ter sentido muito a nossa falta. E esse menino, não está crescido? Também, come como um condenado! (AO MENINO) Veio mais alguém?
- MENINO - A prima.
- MULHER - (A CHEN TÊ) Uma parenta do interior. Quando moravas conosco não éramos tantos, não é verdade? Pois quanto pior iam as coisas, tanto mais gente surgia... e quanto mais



- 11 -

gente surgia, tanto pior iam as coisas. Agora, o essencial é não atrapalharmos o negócio da nossa boa amiga Chen Tê. Senão, como é que a chaminé vai fumar? Por isso, durante o dia só ficam os mais velhos, o avô, a cunhada e talvez eu. Os outros só virão à loja ou as duas ou três vezes por dia. Assim está bem, Chen Tê?

SOBRINHO - (COM HUMOR) Espero que o primo não resolva aparecer ainda hoje!

CUNHADO - Um a mais, um a menos...
(RIEM DIVERTIDOS. A CUNHADA APANHA ALGUNS CIGARROS E DISTRIBUI, ELES FUMAM. SURGE UMA BOTIJA DE VINHO)

SOBRINHO - Tudo por conta do primo!

O AVÔ - (A CHEN TÊ MUITO SOLENE) Muito bom dia!
(CHEN TÊ INCLINA-SE, PERTURBADA COM A SAUDAÇÃO INTEMPESTIVA: TEM NUMA DAS MÃOS A CONTA DO MARCENEIRO E NA OUTRA O CONTRATO DE LOCAÇÃO).

INTERLÚDIO

WANG DORME. OS TRÊS DEUSES APARECEM NO SEU SONHO.

WANG - (ACORDANDO ASSUSTADO) Não me castiguem! Eu não encontrei ninguém que vos quizesse dar abrigo, Santíssimos, por isso fugi!

1º DEUS - Ao contrário, achaste uma pessoa que nos acolheu uma noite, que velou por nosso sono e ainda nos acompanhou à porta na hora da partida. E foste tu quem nos falou dessa alma boa...

WANG - Então Chen Tê vos hospedou?

3º DEUS - Naturalmente.

WANG - E eu fugi! Porque pensei, "ela não vai resistir a ganhar o dinheiro do aluguel." Homem de pouca fé! Como eu me envergonho!
(OS DEUSES CANTAM)

1º DEUS - Pois agora, aguadeiro, faze-nos um favor: volta ligeiro à capital de Setsuan, vê bem o que acontece com Chen Tê para depois nos contar. Ouvimos dizer que ela agora está bem, que ganhou algum dinheiro e que até comprou uma pequena loja. Mostra interesse pelo que ela faz, porque ninguém pode ser bom se o bem não for cobrado. Enquanto isso, nós vamos em busca de outras criaturas que nos pareçam tão boas como essa de Setsuan... para desmentir o boato de que a vida neste mundo já não dá vez para os bons. (E DESAPARECEM)

CENA II

NA TABACARIA. GENTE DORMINDO POR TODA PARTE. BATEM À PORTA!

MULHER - Chen Tê! Estão batendo! Onde é que ela se meteu?

SOBRINHA - Na certa foi arranjar o café...
(A MULHER VAI ABRIR A PORTA. ENTRA CHUI TÁ. O MARCENEIRO VEM ATRÁS DELE)

CHUI TÁ - Eu sou o primo.

MULHER - Que primo?

CHUI TÁ - Meu nome é Chui Tá.

OS HOSPEDES - O primo! Mas era uma brincadeira! Ela não tem primo nenhum! Agora vem esse aí dizer que é o primo! Tem cada uma!

SOBRINHO - Se o senhor é mesmo o primo da nossa hospedeira, é melhor ir providenciando o alimento para a nossa primeira refeição.

CHUI TÁ - Os primeiros fregueses não demoram. Queiram vestir-se de pressa para eu poder abrir a minha loja!

MARIDO - Sua loja? Pensei que fosse da nossa amiga Chen Tê! (CHUI TÁ BALANÇA A CABEÇA NEGATIVAMENTE) Esta loja não é dela?

CUNHADA - Então ela passou-nos no lôgro! E agora desapareceu.

CHUI TÁ - Ela não pode vir hoje. Mandou dizer que, de agora em diante, eu estando aqui, não poderá fazer mais nada por vocês.

MULHER - E nós pensando que ela fosse uma alma boa!

SOBRINHA - Não acreditem nele! Procurem Chen Tê.

MARIDO - Isso mesmo: vamos procurá-la. Vocês vão e procurem por toda a parte. Eu e o avô ficamos aqui tomando conta. Nesse meio tempo o garoto vai arranjar comida. (AO MENINO) Tá vendo a confeitaria, ali na esquina. Vai lá, enche a barriga e a camisa! Anda!

CUNHADA - Vê se me trazes dois biscoitos claros.

MARIDO - Mas abre o olho: que o padeiro não te pegue! E muito menos a polícia!
(O MENINO ASSENTE COM A CABEÇA E SAI. OS OUTROS ACABAM DE SE VESTIR)

CHUI TÁ - Com esse furto de doces... não acham que podem prejudicar o bom nome desta casa que lhes deu asilo?

SOBRINHO - (AOS OUTROS) Não dêem confiança a ele: daqui a pouco achamos a moça e ela vai dizer quem manda aqui!



(SAEM O SOBRINHO, O CUNHADO E A CUNHADA)

- CHUI TA - Pois não vão encontrar ninguém. Naturalmente minha primeira sente muito não poder observar as boas normas da hospitalidade. Pena vocês serem tão numerosos... Afinal, isto é uma tabacaria: é o ganha-pão da senhora Chen Tê!
- MARIDO - Nunca a nossa Chen Tê ousaria falar assim conosco.
- CHUI TA - Talvez tenha razão... (AO MARCENEIRO) O azar é que, nesta cidade, a miséria é grande demais para que uma pessoa só possa acabar com ela!
(COMEÇA A COLOCAR OBJETOS NO LUGAR)
- MARCENEIRO - Eu estou vendo que o senhor quer por em ordem os negócios de sua prima... Pois tem a liquidar uma pequena dívida, aceita com testemunhas, que é o preço das prateleiras: cem dólares de prata!
- CHUI TA - (PUXANDO A FATURA DO BOLSO) Não acha que cem dólares de prata é um tanto exorbitante?
- MARCENEIRO - Não, e não faço abatimento algum: tenho mulher e filhos para sustentar!
- CHUI TA - Eu lhe ofereço vinte dólares de prata.
(O MARIDO RI)
- MARCENEIRO - O senhor está louco? São armações de noqueira.
- CHUI TA - Pois então leve-as de volta.
- MARCENEIRO - Que quer dizer com isso?
- CHUI TA - Que são muito caras para mim.
- MULHER - Bem feito!
- MARCENEIRO - Exijo a presença da senhorita Chen Tê: ela sim, é uma pessoa superior!
- CHUI TA - Por isso está arruinada.
- MARCENEIRO - Quer dizer que posso retirar as prateleiras?
- CHUI TA - (AO MARIDO) E você, ajude!
(RIEM O MARIDO E A MULHER)
- MARCENEIRO - Cachorro! E a minha família que fique com fome?
- CHUI TA - Mais uma vez eu lhe ofereço vinte dólares só para as caixas não ficarem aí empilhadas no chão...
- MARCENEIRO - Mas isso foi feito sob medida: só cabe neste covil, em nenhum outro lugar! As tábuas estão cortadas, meu senhor!
- CHUI TA - Pois é por isso mesmo que eu lhe ofereço vinte dólares de



prata: porque as tábuas já estão cortadas.
(A MULHER GUINCHA DE GOZO)

- MARCENEIRO- (ESMORECENDO SUBITAMENTE) Eu não aguento mais! Fique com as prateleiras e pague quanto quiser!
- CHUI TA - (PÕE SOBRE A MESA DUAS MOEDAS, QUE O MARCENEIRO PEGA) Vinte dólares de prata.
- MARIDO - E é muito, por esse feixe de lenha!
- MARCENEIRO- Talvez dê para tomar um pileque! (SAI)
(MARIDO E MULHER RIEM)
- CHUI TA - E agora, saiam.
- MARIDO - Nós?
- CHUI TA - Sim, vocês mesmos, parasitas e ladrões. Se forem depressa, sem perda de tempo, talvez ainda consigam escapar antes que...
- MARIDO - (À MULHER) O melhor é não responder nada: não se discute de estomago vazio.
- CHUI TA - (NUM GRITO) Pela última vez: saiam daqui!
(MARIDO E MULHER CONTINUAM ONDE ESTÃO)
- CHUI TA - Muito bem: como quiserem... (VAI ATÉ A PORTA E CURVA-SE EM RESPEITOSA CORTESIA. À ENTRADA SURGE UM POLICIAL)
- CHUI TA - Presumo ter diante de mim o oficial encarregado deste bairro?
- POLICIAL - Precisamente, senhor...
- CHUI TA - Chui Tá, é meu nome. (SORRIEM. CURVAM-SE) O tempo hoje está bonito!
- POLICIAL - Um pouquinho quente, talvez.
- CHUI TÁ - É... talvez um pouquinho quente.
- MARIDO - (SUSSURA, À MULHER) Se ele vai puxar conversa até o menino voltar, estamos fritos!
- CHUI TÁ - Queira entrar um pouquinho: aqui está bem mais fresco. Abrimos esta loja, minha prima e eu. Permita que lhe diga: é para nós da maior importância estar em boas relações com as autoridades.
- POLICIAL - (ENTRANDO) É muito amável, senhor. Realmente, aqui está mais fresco.
- MARIDO - (BAIXO, À MULHER) Fez o policial entrar só de propósito, para o menino não ver...

- CHUI TÁ - Estes são amigos distantes de minha prima, pelo que ouvi dizer. Estão se preparando para uma viagem. Já estávamos, até, nos despedindo.
- MARIDO - É, então já vamos.
- CHUI TÁ - Direi a minha prima que vocês ficaram muito agradecidos pelo acolhimento, mas que não tiveram tempo de esperar que ela voltasse... (CURVAM-SE)
(NA RUA OUVEM-SE RUMORES E GRITOS: PEGA, PEGA LADRÃO)
- POLICIAL - O que é isso?
(O MENINO APARECE NA PORTA. BISCOITOS E DOCES CAEM-LHE DA CAMISA. A MULHER ACENA-LHE DESESPERADAMENTE QUE CAIA FORA. ELE FAZ MEIA VOLTA E VAI SAIR)
- POLICIAL - Alto! (SEGURA O MENINO) Onde arranjou esses doces?
- MENINO - Lá.
- POLICIAL - Então foi roubo, não foi?
- MULHER - Eu sabia que isso ia acontecer. Esse menino não presta. Fez tudo por conta dele.
- POLICIAL - Senhor Chui Tá, o senhor pode esclarecer essa fato?
(CHUI TÁ GUARDA SILÊNCIO)
- POLICIAL - Ah, sim! Vão todos para o distrito.
- CHUI TÁ - Lamento que uma coisa dessas tenha acontecido em minha casa.
- MULHER - Ele viu quando o menino saiu.
- CHUI TÁ - Eu posso garantir, senhor oficial, que não lhe pediria para entrar se tivesse algum roubo a esconder!
- POLICIAL - É claro. E o senhor também há de compreender, senhor Chui Tá, que é meu dever levar essa gente presa (CHUI TÁ FAZ UMA REVERÊNCIA) Sigam na minha frente! (O POLICIAL EMPURRA OS OUTROS PARA FORA)
- AVÔ - (CALMAMENTE, DA PORTA) Bom dia!
(SAEM TODOS, MENOS CHUI TÁ, QUE CONTINUA A ARRUMAÇÃO. ENTRA A SENHORA MI TSU, DONA DO PRÉDIO)
- SRA.MI TSU- Então, o senhor é o tal primo! Que significa isso: a polícia levando gente da minha casa! Também, fazer minha casa de estalagem. É o que se pode esperar de quem ontem morava num quartinho de cinco vinténs! Já sei da história, como o senhor vê...
- CHUI TÁ - Sim, estou vendo. Minha prima é condenada por ter fome. Ela vivia na miséria, isso é notório. E não podia ter pior reputação: era uma infeliz.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SRA.MI TSU- Afinal, era uma mulher...

CHUI TÁ - "Necessitada." Está é a palavra exata.

SRA.MI TSU- Ora, faça o favor, nada de sentimentalismo! Falo da vida que levava, e não dos rendimentos. Não ponho em dúvida que os soubesse ganhar, e a prova está nesta loja. As pessoas de bem não de estar desconfiadas: como é que se monta uma loja assim!?!...Está é uma casa de respeito, meu senhor! Pessoas que me pagam aluguel não se sujeitam a estar sob o mesmo teto com uma criatura dessa espécie. Pois é: também sou humana, mas é preciso guardar as conveniências.

CHUI TÁ - Estou muito ocupado, senhora Mi Tsu. Diga-me só quanto nos vai custar o aluguel desta casa de respeito!

SRA.MI TSU- Devo dizer que, em todo o caso, o sangue-frio não lhe falta!

CHUI TÁ = (APANHANDO O CONTRATO NA GAVETA DO BALCÃO) É muito alto o aluguel. E vejo que, pelo contrato, o pagamento é mensal...

SRA.MI TSU- (INTERROMPENDO) Não para gente como a sua prima!

CHUI TÁ - Que quer dizer?

SRA.MI TSU- Quero dizer que uma pessoa como a sua prima tem que pagar meio ano adiantado, ou seja, duzentos dólares de prata!

CHUI TÁ - Duzentos dólares? É uma extorsão! Onde irei arranjar isso?

SRA.MI TSU- Devia ter pensado nisso antes.

CHUI TÁ - Senhora Mi Tsu, tenha coração! Minha prima, em verdade, cometeu a inexplicável falta de dar pousada, aqui, a uns infelizes... Mas ainda pode emendar-se, aliás, farei com que se emende! Por outro lado, que inquilino a senhora espera achar melhor de que ela, conhecendo bem o abismo por ter saído dele. Ela há de trabalhar até gastar os dedos, para pagar pontualmente o aluguel; tudo fará, de tudo abrirá mão, venderá tudo, sem recuar diante de nada... mas sempre humilde feito uma ratinha, discreta feito uma abelha, fazendo o que a senhora aconselhar, para não ter que voltar à situação antiga. Uma inquilina assim vale o seu peso em ouro!

SRA.MI TSU- Duzentos dólares de prata, adiantados; caso contrária, p_onh_a-se na rua!
(ENTRA O POLICIAL)

POLICIAL - Senhor Chui Tá, não se preocupe mais.

SRA.MI TSU- A polícia demonstra, realmente, um interesse especial por esta loja...

- POLICIAL - Senhora Mi Tsu, espero que não faça mal juízo: este senhor prestou-nos um serviço e eu venho simplesmente agradecer, em nome da Polícia.
- SRA.MI TSU- Bem, isso não me diz respeito, Espero, senhor Chui Tá, que a proposta convenha à sua prima... Gosto de viver bem com meus inquilinos. Bom dia, meus senhores. (SAI)
- CHUI TÁ - Adeus, senhora Mi Tsu.
- POLICIAL - Algum contratempo com a senhora Mi Tsu?
- CHUI TÁ - Ela está exigindo o adiantamento do aluguel: minha prima não lhe infunde respeito.
- POLICIAL - E o senhor não tem dinheiro? (CHUI TÁ FICA EM SILÊNCIO)
Ora, um homem como o senhor deve ter crédito...
- CHUI TÁ - Talvez. Mas que crédito tem uma mulher como CHEN TÊ?
- POLICIAL - O senhor não vai ficar?
- CHUI TÁ - Não, não fico. E nem volto mais aqui. Só pude dar uma mãozinha, de passagem, afastando as desgraças mais prementes. Logo ela volta a contar só consigo mesma... Essa é a questão que me preocupa...
- POLICIAL - É preciso que se entenda a senhora Mi Tsu. Essa Chen Tê, falando sem rodeios, vivia por aí, vendendo o corpo aos homens. Dirá o senhor: que havia de fazer? Como pagar o aluguel, por exemplo. Mas o fato permanece: não é respeitável. Por que? Primeiro: amor não se vende, ou então é amor venal. Segundo: o amor é respeitável com aquele a quem se dá, não com aquele que paga. Terceiro: é o que diz o refrão: por amor sim, por arroz não! Bem, responde rá o senhor, mas de que serve a lição se o leite já está derramado? O que é que ela há de fazer? Como pagar seis meses de aluguel? Senhor Chui Tá, confesso que não sei!
(DE REPENTE) Senhor Chui Tá; descobri! Basta arranjar-lhe um marido!
(ENTRA UMA VELHA)
- VELHA - Um bom charuto para o meu marido, e que não seja muito caro. Completamos amanhã quarenta anos de casados, vamos comemorar...
- CHUI TÁ - Quarenta anos, e ainda comemoram.
- VELHA - Até onde nossos meios o permitem! Temos a loja de tapetes, aí em frente: espero que sejamos bons vizinhos. E é necessário, os tempos andam tão difíceis.
- CHUI TÁ - (ABRE DIANTE DELA VÁRIAS CAIXAS DE CHARUTOS)
- POLICIAL - Como eu ia dizendo, eu sugiro um casamento...
- CHUI TÁ - (À VELHA, DESCULPANDO-SE) Eu acabei importunando o senhor oficial com minhas preocupações pessoais.



- POLICIAL - Não temos os seis meses de aluguel. Pois bem: o jeito é casar com dinheiro!
- CHUI TÁ - Não é tão fácil assim.
- POLICIAL - E por que não? Sua prima é um bom partido, tem uma loja em franca prosperidade... (À VELHA) Que acha a senhora?
- VELHA - (INDECISA) Não sei...
- POLICIAL - Um anúncio no jornal.
- VELHA - Se a moça estiver de acordo...
- POLICIAL - Por que haveria de estar contra? Vou redigir. Fica um serviço pelo outro. Não julgue a autoridade insensível ao esforço do pequeno comerciante: o senhor nos deu a mão e, em troca, lhe redigimos um pedido de casamento! Ha, Ha, Ha. (SOLENEMENTE, APANHA UM BLOCO, MOLHA O LÁPIS NA LÍNGUA E PÕE-SE A ESCREVER)
- CHUI TÁ - (VAGAROSAMENTE) A idéia não é má...
- POLICIAL - (ENQUANTO ESCREVE) "Desejaria conhecer cavalheiro... remediado... com pequeno pecúlio... podendo ser viúvo... disposto a associar-se, pelo matrimônio... a uma pequena e próspera tabacaria." Podemos acrescentar: "Sou atraente e simpática." Que tal?
- CHUI TÁ - Se o senhor acha que não há exagero...
- VELHA - (AMÁVEL) Certamente que não: conheço a moça de vista! (O POLICIAL ENTREGA A FOLHA A CHUI TÁ)
- CHUI TÁ - Vejo, com espanto, que é preciso muita sorte para a gente não ser atropelada! Cada idéia! Cada amigo! (AO POLICIAL) Eu, por exemplo, apesar de todo o empenho, já estava perdendo a esperança de ver pago o aluguel, até que chegam vocês e me socorrem com um bom conselho. De fato, agora vejo uma saída!

CENA III

ANOITECER NO PARQUE

(Um homem moço, de roupas em molambos - IANG SUN - acompanha com os olhos o vôo de um aeroplano, aparentemente em curva muito alta sobre o parque da cidade. Tira do bolso uma corda e espia em torno de si. Enquanto ele vai em direção a um grande salgueiro, surgem na estrada duas prostitutas: uma é já velha MATRONA, e a outra RAPARIGA é a mesma sobrinha da família de oito membros.)

- RAPARIGA - Boa noite, benzinho! Não quer vir comigo?
- SUN - Pode ser, minhas senhoras, se me pagarem qualquer coisa de comer...



- MATRONA - Está mluco? (À RAPARIGA) Vamos em frente, com êle perde mos tempo: êsse é o aviador desempregado!
- RAPARIGA - Não há mais ninguém no parque, parece que vai chover.
- MATRONA - Talvez ainda haja alguém...
(PASSAM ADIANTE, SUN, ESPIANDO EM REDOR, PUXA A CORDA PARA FORA E ATIRA-A POR SOBRE UM GALHO DO SALGUEIRO. MAS É OUTRA VEZ ATRAPALHADO: VOLTAM CORRENDO AS DUAS PROSTITUTAS, SEM DAR POR ÊLE.)
- RAPARIGA - Vai cair um aguaceiro!
(CHEN TÊ VEM PASSEANDO PELA ESTRADA.)
- MATRONA - Olha, lá vem aquele monstro! Trouxe a infelicidade a ti e aos teus!
- RAPARIGA - Ela, não! Foi o primo. Ela nos acolheu, e até mais tarde prometeu pagar os biscoitos roubados. Nada tenho contra ela.
- MATRONA - Mas eu tenho! (EM VOZ ALTA) Ora, está aí a nossa boa irmã, com o seu pote de ouro! Tem uma loja, mas ainda quer pescar os nossos namorados!
- CHEN TÊ - Pare de mostrar-me os dentes! Vou à casa de chá, à beira do lago.
- SOBRINHA - É verdade que vais casar com um viúvo, pai de três filhos?
- CHEN TÊ - É. Vou agora encontrar-me com êle.
- SUN - (IMPACIENTE) Vejam se vão dando o fora, suas galinhas! Já não se pode estar mais em paz?
- MATRONA - Dobre a língua!
(SAEM AS DUAS PROSTITUTAS)
- SUN - (GRITANDO PARA ELAS) Urubus! (AO PÚBLICO) Até num lugar retirado, com este, elas vêm sem descanso, atrás de vítimas: até no mato, até com chuva, vêm doidas procurando comprador...
- CHEN TÊ - (IRRITADA) Por que xingá-las assim? (DÁ COM OS OLHOS NA CORDA) Oh!
- SUN - Que é que está olhando?
- CHEN TÊ - Para que, essa corda?
- SUN - Vá embora, irmã, vá-se embora! Dinheiro eu não tenho; nada, nem um níquel... E se tivesse compraria um copo d'água, não ia dar a você!
(PRINCIPIA A CHOVER)
- CHEN TÊ - Para que, essa corda? O senhor não tem direito!
- SUN - Que tem você com isso! Dê o fora!



- CHEN TÊ - Está chovendo.
- SUN - Não vai querer ficar embaixo desta árvore...
- CHEN TÊ - (IMÓVEL SOB A CHUVA) Eu, não.
- SUN - Desista, irmã, não adianta! Não há negócio a fazer comigo. Além do mais, eu a acho feia: pernas tortas...
- CHEN TÊ - Isso não é verdade.
- SUN - Não mostre, não! Com os diabos. Fique aqui embaixo da árvore, que está chovendo!
(ELA AVANÇA DEVAGAR E SENTA-SE SOB A ÁRVORE)
- CHEN TÊ - Por que pensa em fazer isso?
- SUN - Quer saber, mesmo? Pois eu digo, só para ficar livre de você! Sabe o que é um aviador?
- CHEN TÊ - Bem, já vi um aviador, numa casa de chá...
- SUN - Aviador, não, você nunca viu. Talvez alguma junta de imbecis, que andam no ar com seus capacetes de couro, uns aprendizes sem ouvido para o motor, sem afeição pela máquina. Só entram numa carlinga dando gorjeta ao chefe do hangar. Diga, a algum deles: "Leve o aparelho a dois mil pés de altura e dê um mergulho através das nuvens, endireitando-o num golpe de macho!" Se não encosta o avião na pista como quem senta com as próprias nádegas, não é um aviador: é um imbecil! Eu sou um aviador, e também o maior dos imbecis: li todos os livros de aviação, na escola de Pequim. Só há uma página de livro que eu não li, e nessa página diz que aviadores já não são mais necessários. E assim fiquei aviador sem avião, correio-aéreo sem mala. Mas o que isto significa, você não pode entender.
- CHEN TÊ - E acho que entendo...
- SUN - Não; se eu digo que não pode entender, é que não pode entender.
- CHEN TÊ - (ENTRE RINDO E CHORANDO) Nós, em crianças, tínhamos um grou aleijado de uma asa. Era um bicho muito manso, incapaz de uma falsêta, e pavoneava atás de nós, gritando, para não irmos depressa demais... Mas no outono e no princípio do ano, quando outras aves passavam em bando por sobre a aldeia, então êle ficava muito inquieto... e eu o entendia bem.
- SUN - Não chore!
- CHEN TÊ - Não...
- SUN - Vai manchar a pintura.
- CHEN TÊ - Já passou.



(ENXUGA AS LÁGRIMAS COM A MANGA DO VESTIDO. ENCOSTADO À ÁRVORE, SEM SE VOLTAR, ÊLE ESTENDE AS MÃOS PARA O ROSTO DELA)

- SUN - Com isso você não enxuga bem o rosto.
(PÕE-SE A ENXUGAR-LHE AS FACES COM UM LENÇO.PAUSA)
- SUN - Se acha preciso ficar aí sentada, para que eu não me enforque, ao menos solte a voz!
- CHEN TÊ - Eu não sei nada...
- SUN - Por que é que insiste em me arrancar do galho, irmã?
- CHEN TÊ - Estou horrorizada. Certamente o senhor quis fazer isso porque, esta tarde, o céu está encoberto. (AO PÚBLICO)

Em nossa terra
não devia haver tardes tão nubladas
nem pontes elevadas sobre os rios
nem aquela hora ente-noite-e-manhã
nem o tempo do inverno: é perigoso.
Em face da miséria
basta uma coisa à toa
para a criatura
dizer adeus à vida de amargura.

- SUN - Fale de você!
- CHEN TÊ - De que? Tenho uma lojinha...
- SUN - (TROÇANDO) Ah, então você é dona de negócios: não faz a vida!
- CHEN TÊ - (FIRME) Agora tenho a loja; antes, fazia...
- SUN - E a loja? Alguma dádiva dos deuses?
- CHEN TÊ - Exato!
- SUN - Foi uma bela tarde, apareceram e lhe disseram: "Tens aqui o dinheiro!"
- CHEN TÊ - (SORRINDO) Foi numa manhã...
- SUN - Você não deixa de ser divertida.
- CHEN TÊ - (APÓS BREVE PAUSA) Sei tocar cítara, regularmente, e arremedar pessoas. (IMITA UM HOMEM RESPEITÁVEL, COM VOZ GROSSA): "Hom'ssa agora, acho que esqueci a carteira!" De pois, ganhei a loja. Comecei por me desfazer da cítara, dizendo comigo mesma: "De hoje em diante eu posso emudecer feito uma carpa, sem que nada aconteça."

Sou rica, disse comigo:
sozinha eu ando e me deito,
passarei um ano inteiro
sem pôr homem no meu leito.

SUN - Mas já não vai casar, com esse da casa de chá à beira do lago?

(CHEN TÊ NÃO RESPONDE)

SUN - Que sabe você do amor?

CHEN TÊ - Tudo.

SUN - Nada, irmã. Tinha algum prazer naquilo?

CHEN TÊ - Não.

SUN - (PASSANDO-LHE A MÃO PELO ROSTO, SEM SE VOLTAR PARA ELA)
E isto, lhe dá prazer?

CHEN TÊ - Dá.

SUN - Você é simples. Ah, mas que cidade!

CHEN TÊ - Amigos... tem algum?

SUN - Aos montes! Mas nenhum disposto a ouvir que vivo sem emprego. Fazem uma cara, como se ouvissem dizer que ainda existe água no mar! E você tem amigo?

CHEN TÊ - (HESITANTE) Um primo...

SUN - Então, cuidado com êle!

CHEN TÊ - Só veio uma vez, aqui; partiu e não volta mais. Mas por que fala assim desesperado? Diz-se: "Falar sem esperanças é falar sem bondade!"

SUN - Continue falando! Uma voz é sempre uma voz.

CHEN TÊ - (ENTUSIÁSTICA) Ainda há gente bondosa, apesar da miséria. Quando eu era pequenina, uma vez levei um tombo com um feixe de lenha; um velho me levantou e ainda me deu um níquel. Muitas vezes tenho pensado nisso: quase sempre os que têm menos dão com mais boa vontade. Na verdade, as pessoas gostam de mostrar do que são capazes; e como demonstrar isso melhor do que sendo bondosas? A maldade é uma espécie de incapacidade. Se a gente canta uma canção, ou planta arroz, ou constrói uma máquina, isso tudo faz parte da bondade. Você também é bom.

SUN - Não é difícil, pelo seu critério.

CHEN TÊ - Agora senti uma gota de chuva.

SUN - Onde?

CHEN TÊ - Entre os olhos.

SUN - Mais para o olho direito ou mais para o olho esquerdo?





- CHEN TÊ - Mais para o esquerdo.
- SUN - Bem, (APÓS UM INSTANTE, SONOLENTO) Então, não quer mais nada com homens?
- CHEN TÊ - (RINDO) Mas pernas tortar não tenho...
- SUN - Talvez não.
- CHEN TÊ - Certo que não.
- SUN - (FATIGADO, VOLTANDO A ENCOSTAR-SE À ÁRVORE) Mas há um dia que não bebo e h'á dois que não como; assim, irmã, por mais que desejasse, eu não ia poder amar você.
- CHEN TÊ - Quem bom... a chuva!
- (WANG, O AGUADEIRO, APARECE. E CANTA)
- CANÇÃO DO AGUADEIRO SOB A CHUVA
- (CESSOU A CHUVA. CHEN TÊ AVISTA WANG E CORRE PARA ÊLE)
- CHEN TÊ - Que bom, WANG, voltaste! Tua quartola está comigo.
- WANG - Muito obrigado, por tomares conta. E tu CHEN TÊ, como vais?
- CHEN TÊ - Vou bem. Acabo de encontrar uma pessoa muito amável e muito corajosa. Eu queria comprar um copo de tua água!
- WANG - Ora, levanta a cabeça e fica de boca aberta: assim terás toda a água que quiseres. Ali, o salgueiro ainda está gotejando.
- CHEN TÊ - Mas é da tua água que eu quero, WANG:
- Água trazida de longe,
que tanto trabalho deu
e difícil de vender
porque esta tarde choveu.
Preciso dela, para aquele moço:
é aviador. Um bom aviador
é um homem que tem, dos outros,
o destemor.
- Na companhia das nuvens,
quando ruge a tempestade
rasga o céu no vôo, levando
a outros homens, noutras terras,
a mensagem da amizade!
- (CHEN TÊ PAGA E SOBE CORRENDO EM DIREÇÃO A SUN)
- CHEN TÊ - (CHAMANDO WANG, DE VOLTA, A SORRIR) Ele pegou no sono! De tanto desespero, e a chuva, e eu... acabou fatigado.



INTERLÚDIO

NO ABRIGO NOTURNO DE WANG. OS DEUSES LHE APARECEM EM SONHO.

- WANG - Falei com ela, Santíssimos: está amando! Me mostrou o amado. Tudo vai bem, realmente.
- 1º DEUS - Dá gosto ouvir! Esperemos que isso a encoraje no caminho do bem!
- WANG - Sem dúvida: ela faz todos os benefícios que pode!
- 1º DEUS - Que espécie de benefícios, Wang?
- WANG - Tem sempre uma palavra boa, para todo mundo...
- 1º DEUS - Sim, e que mais?
- WANG - Da loja dela ningupem sai sem fumo, ainda que não tenha dinheiro...
- 1º DEUS - Não está mal. Que mais?
- WANG - Deu pousada a uma família de oito bocas...
- 1º DEUS - (AO SEGUNDO, EXULTANTE) Oito pessoas! (A WANG) Algo mais, por acaso?
- WANG - A mim um copo d'água, e estava chovendo a cantaros...
- 1º DEUS - Naturalmente são benfícios miúdos. Compreende-se.
- WANG - Sim, mas custam dinheiro: uma lojinha não dá tanto assim.
- 1º DEUS - Mas o jardineiro hábil, às vezes, num terrenozinho à toa, consegue verdadeiras maravilhas!
- WANG - 3 É o que ela está fazendo! Toda manhã reparte o seu arroz, e podeis crer que vai nisso mais da metade dos grãos.
- 1º DEUS - (ALGO DESILUDIDO) Como começo, não é dos piores.
- WANG - Os tempos não ajudam, Santíssimos! Ela até precisou chamar o primo, porque a loja estava em dificuldades. E todos, em unísono, concordam que ela é uma boa alma. Chamam-lhe, em toda parte, "O Anjo dos Subúrbios." Portanto, que importa se o marceneiro fale mal dela?
- 1º DEUS - O marceneiro anda falando mal dela? Por que?
- WANG - Ora, ele diz que as armações não foram pagas...
- 2º DEUS - Que está dizendo? Não foi pago o marceneiro, na loja de Chen Tê? E ela deixou?
- WANG - Parece que na hora não tinha o dinheiro...

- 2º DEUS - Mesmo assim: deve-se pagar o que se deve! É necessário e vitar a menor sombra de injustiça: os mandamentos devem ser observados, primeiro no texto, depois no espírito.
- WANG - Mas nem foi ela, foi o primo, Santíssimos!
- 2º DEUS - Pois que o primo não lhe passe mais da porta!
- WANG - Eu compreendo, Santíssimos.
- 3º DEUS - Desculpa-nos o tom, hoje, um pouco rude: estamos exaustos e maldormidos. Ah, as hospedagens que nos dão! Os ricos nos recomendam, da melhor maneira, aos pobres; e os pobres nunca tem lugar que chegue...
- OS DEUSES - (AFASTAM-SE RESMUNGANDO) Débeis, os melhores deles! Nada de impressionante: bagatelas, miudezas! Todos tem coraçaõ, é natural, mas a visãõ é curta. No mínimo, ela devia...
- WANG - Mas não fiquéis de mau humor, Santíssimos! É melhor não exigir muito, para começar.

CENA IV

NUMA PRAÇA EM FRENTE À TABACARIA DE CHEN TÊ. VÊ-SE UMA LOJA DE BARBEIRO, UMA CASA DE TAPETES, E A TABACARIA DE CHEN TÊ. EM FRENTE À PORTA DE CHEN TÊ AGUARDAM O AVÔ E A CUNHADA, O DESEMPREGADO E A SRA. CHIN.

- CUNHADA - Ontem à noite ela não veio para casa!
- SRA.CHIN - É um procedimento horrível! Enfim, o danado do primo foi embora, e agora não seria tão ifícil, ao menos de vez em quando, ela nos dar um pouco de arroz que lhe sobra; e ainda fica a noite inteira fora, vagabundeando, os deuses sabem onde!
(OUVEM-SE VOZES ALTAS VINIAS DA LOJA DO BARBEIRO, DALI SAI WANG, AOS TROPEÇÕES, E ATRÁS DELE O GORDO BARBEIRO, SENHOR CHU FU, EMPUNHANDO UM FERRO DE FRISAR)
- SR.CHU FU - Pois vou te ensinar a aborrecer os meus clientes com essa tua água choca! Apanha o copo e cai fora.
(WANG ESTENDE A MÃO PARA APANHAR O COPO, E CHU-FU APROVEITA PARA DAR-LHE UMA PANCADA COM O FERRO DE FRISAR)
- CHU-FU - Toma! E que isso te sirva de lição!
(VOLTA À BARBEARIA)
- DESEMPREGADO - (APANHA O COPO E O ENTREGA A WANG) Podes dar queixa à polícia do golpe que ele te deu.
- WANG - A mão está como morta.
- DESEMPREGADO - Terá quebrado algum osso?
- WANG - Nem posso mais mexer...



DESEMPREGADO - Senta-te, e põe um pouco d'água em cima!

SRA.CHIN - A água, pelo menos, não te custa nada...

CUNHADA - E nós aqui, às oito da manhã, sem poder arranjar um pedaço de pano! Ela é capaz de ter tido alguma aventura... Que escândalo!

SRA.CHIN - Esqueceu-se de nós!
(SURGE CHEN TÊ, VEM COM UMA GRANDE TIJELA DE ARROZ)

CHEN TÊ - (AO PÚBLICO) Eu nunca havia visto a cidade, ao amanhecer: a essas horas sempre estava deitada, a cara embaixo da coberta suja, com medo de acordar. Hoje, caminhando, passei por meninos jornaleiros, por homens regando o asfalto, e até por um carro-de-bois trazendo legumes frescos da roça. Fiz um longo percurso, desde a casa de SUN até aqui, e a cada passo me sentia mais contente. Eu sempre ouvi dizer que a gente anda nas nuvens, quando ama...mas ainda é mais bonito andar na terra, no asfalto! É como eu digo: os quarteirões, na hora do sol nascer, parecem montes de escombros em que se acendem fogos, sob o céu limpo de qualquer poeira, entre rosa e cristal. (DIRIGE-SE AOS QUE A ESPERAM) Bom dia, Wang. Hoje estou de alma leve! Pelo caminho vim olhando nas vitrinas, e acho que seria bom comprar um xale para mim... (DEPOIS DE UMA CERTA HESITAÇÃO) Queria tanto parecer bonita!
(ENCAMINHA-SE À CASA DE TAPETES)

CHU-FU - (DE NOVO À PORTA, FALANDO AO PÚBLICO) Estou surpreso: como é bonita essa senhorita Chen Tê, a dona da tabacaria aí do lado. E até agora eu não dera por isso? Há mais de três minutos que a estou contemplando, e até parecer que já estou apaixonado. (A WANG) Vai dando o fora, patife! (ENTRA)
(SURGEM CHEN TÊ E UM CASAL DE VELHOS, O TAPECEIRO E SUA MULHER, VINDOS DA LOJA DE TAPETES. CHEN TÊ TRAZ UM XALE, O TAPECEIRO UM ESPELHO)

VELHA - É vistoso e não sai caro, por ter um furinho embaixo.

CHEN TÊ - (OLHANDO O XALE QUE A VELHA TRAZ NA MÃO) O verde também é lindo!

VELHA - Pena que não tenha um defeitozinho!

CHEN TÊ - É pena! Eu não posso fazer extravagâncias, com a lojinha: ainda há pouco rendimento e muita despesa.

VELHA - Em benefícios... não faça tantos: no princípio cada prato de arroz tem seu valor, não é?

CHEN TÊ - (EXPERIMENTA O XALE COM O FURINHO) E, deve ser, mas hoje estou de alma leve. Esta cor assenta em mim?

VELHA - Isso é preciso perguntar a um homem.



- CHEN TÊ - (VIRANDO-SE PARA O VELHO) Assenta?
- VELHO - É melhor perguntar a...
- CHEN TÊ - (MUITO POLIDA) Não, eu pergunto ao senhor.
- VELHO - (TAMBÉM POLIDO) O xale cai muito bem, mas ponha o lado claro para cima.
(CHEN TÊ PAGA)
- VELHA - Depois, se não lhe agradar, pode tracá-lo sem qualquer problema. (PUXA A MOÇA PARA UM LADO) Ele possui algum capitalzinho?...
- CHEN TÊ - (SORRINDO) Ch, não.
- VELHA - Então, você é quem vai pagar os seis meses de aluguel?
- CHEN TÊ - E o aluguel! Eu já havia esquecido!
- VELHA - Eu logo vi! Segunda-feira é dia primeiro! Queria propor-lhe uma coisa: sabia que, depois de conhecê-la melhor, meu marido e eu ficamos um pouco descrentes daquele anúncio procurando casamento. Decidimos ajudá-la, em caso de necessidade: temos um dinheirinho guardado e lhe podemos emprestar duzentos dólares de prata. Pode-nos dar em garantia, se quiser, o seu estoque de fumo. Naturalmente, entre nós, não é preciso nada por escrito!
- CHEN TÊ - Querem, mesmo, emprestar dinheiro a uma pessoa irresponsável como eu!?
- VELHA - Claro: ao senhor seu primo, que longe está de ser irresponsável, talvez não emprestássemos. Mas a você, emprestamos de bom grado.
- VELHO - Combinado?
- CHEN TÊ - Eu só queria que os deuses ouvissem sua senhora falar, senhor Deng! Eles andam a cata de almas. Vocês devem ser muito felizes, para ajudarem a mim, que, por amor, me acho em dificuldades!
(OS VELHOS RIEM)
- VELHO - Aqui tem o dinheiro.
(ENTREGA A ELA UM ENVELOPE. CHEN TÊ O RECEBE, FAZENDO UMA CURVATURA. CURVAM-SE OS DOIS, TAMBÉM, E VOLTAM À LOJA)
- CHEN TÊ - (À WANG) Aqui está o aluguel de meio ano! Não parece milagre? E que me dizes de meu xale novo, hein, Wang?
- WANG - Compraste por causa dele, daquele que eu vi no parque?
(CHEN TÊ CONFIRMA COM A CABEÇA)
- SRA.CHIN - Talvez fosse melhor olhar a mão dele, quebrada, em vez de lhe contar suas aventuras suspeitas.



- CHEN TÊ - (ASSUSTADA) Que houve com a tua mão?
- SRA.CHIN - O barbeiro quebrou-a, à nossa vista, com o ferro de fri-sar.
- CHEN TÊ - Eu nem tinha reparado! Deves ir logo procurar um médico, antes que essa mão fique paralítica e não possas mais tra-balhar direito. É um bruto azar. Depressa, fica em pé! An-da, Wang, depressa.
- DESEMPREGADO - Não tem nada que ir ao médico, e sim ao juiz! Pode exi-gir uma indenização do barbeiro, que é rico.
- WANG - Queres dizer que há possibilidade?
- SRA.CHIN - Se estiver mesmo quebrada... Mas, está?
- WANG - Eu acredito que sim. Está toda inchada. Será que dá uma pensão vitalícia?
- SRA.CHIN - Em todo caso, vais precisar de testemunhas...
- WANG - Isso vocês todos viram! Qualquer um pode depor!
(PASSA A VISTA AO REDOR: O DESEMPREGADO, O AVÔ e a CUNHA-DA, sentados junto à parede, comem. Nenhum levanta os olhos)
- CHEN TÊ - (À SRA.CHIN) A senhora mesmo viu.
- SRA.CHIN - Eu não quero nada com a polícia.
- CHEN TÊ - (À CUNHADA) A senhora também viu.
- CUNHADA - Eu? Eu nem estava olhando.
- SRA. CHIN - aturalmente que a senhora viu: eu vi que a senhora viu, Está com medo, só porque o barbeiro tem prestígio.
- CHEN TÊ - Tenho certeza, o senhor depõe contra o fato.
- CUNHADA - Não será aceito o testemunho dele: está gagá.
- CHEN TÊ - E o senhor?
- DESEMPREGADO - Já fui duas vezes preso por mendicância: meu testemu-nho é capaz de prejudicar.
- CHEN TÊ - Nenhum de vós quer falar... então é isto? Quebraram a mão dele, à luz do dia, em vossa presença, e ninguém quer de-por?!
(PARA O PÚBLICO)
Ah, infelizes!
A fera faz a ronda e escolhe a presa,
e eles dizem ainda bem que nos poupam,
fiquemos quietos,
não mostremos desagrado.



E dizer que isto é uma cidade
e que eles são seres humanos.
Se uma cidade vê acontecer uma injustiça,
então deve haver uma revolta,
e se revolta não houver,
melhor é desaparecer,
num fogaréu, toda a cidade, para sempre.
(À WANG) Wang, se ninguém te servir de testemunha, eu vou
contigo, vou depor e vou dizer que presenciei tudo!

SRA.CHIN - Será falso testemunho.

WANG - Não sei se posso, mas talvez deva aceitar. (OLHANDO A
MÃO PREOCUPADO) Acho que está desinchando...

DESEMPREGADO - Não, tenho certeza de que não está.

WANG - Não, mesmo? É, eu também acho que não. Talvez tenha que-
brado o polegar. Melhor ir logo ao juiz. (SEGURA CUIDADO
SAMAMENTE À MÃO, DA QUAL NÃO TIRA O OLHO, E SAI ÀS PRESSAS)
(A SRA. CHIN SAI CORRENDO À LOJA DO BARBEIRO)

DESEMPREGADO - Lá vai a outra ao barbeiro, bajular.

CUNHADA - Nós não podemos reformar o mundo.

CHEN TÊ - Eu não quis ofender ninguém. Eu só queria... Não, quis o
fender, sim! Sumam de minha vista!
(COMENDO E RESMUNGANDO SAEM O DESEMPREGADO, O AVÔ E A CU
NHADA)

CHEN TÊ - (AO PÚBLICO) Já nem respondem. Ficam
onde a gente os coloca, e, despedidos,
deixar logo o lugar!
Nada os comove mais:
só o cheiro da comida é que os faz
despertar.
(CHEGA UMA MULHER CORRENDO. É A SENHORA IANG, MÃE DE SUN)

SRA.IANG - (SEM FOLEGO) É a senhorita Chen Tê? Meu filho me disse
tudo: eu sou a senhora Iang, mãe de Sun! Imagine: ele já
tem possibilidade de um novo emprego de aviador! Ainda há
pouco, hoje de manhã, veio uma carta de Pequim; de um che
fe de hangar do correio-aéreo.

CHEN TÊ - Ele, então, volta a voar? Que bom, senhora Iang.

SRA. IANG - Mas esse emprego custa um dinheiro: quinhentos dólares!

CHEN TÊ - É muito, mesmo, mas não se pode perder pelo dinheiro: en
fim, eu tenho a loja...

SRA. IANG - Se pudesse fazer alguma coisa!

CHEN TÊ - Se me fosse possível ajudar!

SRA. IANG - Seria uma chance a um homem de valor!



- CHEN TÊ - Como se pode impedir alguém de tornar-se útil? (APÓS UMA PAUSA) Só que da loja tiro muito pouco, e estes duzentos dólares contados são dinheiro de empréstimo... Mas a senhora leva de uma vez: eu vendo o estoque de fumo e reponha essa importância.
(ENTREGA O DINHEIRO DO CASAL DE VELHOS)
- SRA. IANG - Ah, senhorita Chen TÊ! A ajuda vem a calhar! Toda a cidade já dizia que ele era aviador morto, certos de que não voaria mais do que um defunto!
- CHEN TÊ - Mas ainda faltam trezentos, para conseguir o emprego. Precisamos pensar, senhora Iang! (VAGAROSAMENTE) Conheço alguém que talvez ainda pudesse ajudar: uma pessoa que uma vez me valeu. Eu não queria mais chamar por ele, porque é severo e ladino. Espero que esta seja a última vez. Mas está claro: um aviador deve voar!
(RUÍDO DE MOTOR, À DISTÂNCIA)
- SRA. IANG - Se esse, de quem fala a senhorita, pudesse conseguir-nos o dinheiro! Olha, é o correio-aéreo matinal, que vai rumo a Pequim!
- CHEN TÊ - Faça sinais, senhora Iang. Tenho certeza de que o piloto nos vê. (ACENAM COM UM LENÇO). Faça sinais, a senhora também.
- SRA. IANG - (ACENANDO) Conhece o que está voando?
- CHEN TÊ - Não. Mas conheço o que vai voar. Há de voar o desesperado, senhora Iang. Ao menos um há de passar por cima desta miséria, ao menos um há de subir acima de todos nós! (AO PÚBLICO)
Iang Sun, meu amor, na companhia das nuvens,
quando ruga a tempestade,
a singrar o céu, levando
a outros homens, noutras terras,
a mensagem da amizade!

INTERLÚDIO

NA FRENTE DA CORTINA. CHEN TÊ APARECE TRAZENDO NAS MÃOS A MÁSCARA E O TERNO DE CHUI TÁ. RECITA E CANTA).

CANÇÃO DA FRAQUELA DOS DEUSES E DOS BONS.

CENA V

NA TABACARIA. SENTADO ATRÁS DO BALCÃO ESTÁ O SENHOR CHUI TÁ. LÊ O JORNAL. NÃO DÁ A MENOR ATENÇÃO À SENHORA CHIN, QUE FALA ENQUANTO VAI PASSANDO O ESFREGÃO).

- SRA. CHIN - Uma lojinha como esta fica arruinada num instante, quando certos boatos se espalham pelo bairro, pode crer: já era tempo do senhor, que é um homem ordeiro, botar em pratos limpos essa história excusa da senhorita Chen TÊ com o tal Iang da rua Amarela. Não esqueça que Chu Fu, o barbeiro aí do lado, que possui doze prédios e uma única mu



lher, aliás bem velha, ainda ontem me entender o
lisonjeiro interesse que tem pela senhorita Chen Tê. Che
gou mesmo a tomar informações sobre os recursos dela: o
que prova, eu diria, a melhor das intenções!

(COMO NÃO OBTÉM RESPOSTA, ACABA SAINDO COM O BALDE)

(ENTRA IANG SUN. A PRIMEIRA REAÇÃO DE CHUI TÁ É ARRUMAR-
SE. MAS PERCEBE SEU ERRO E, DISFARÇANDO, RI. A SENHORA
CHIN VOLTA, CURIOSA, E FICA EM VOLTA)

- SUN - Eu sou Iang Sun. (CHUI TÁ INCLINA- E) Chen TÊ está aí?
- CHUI TÁ - Não, não está.
- SUN - Mas o senhor com certeza já está a par do que existe en-
tre nós! (EXAMINA A LOJA) É uma loja de verdade! Pensei
que fosse um pouco de garganta. (OLHA DENTRO DOS POTES)
Homem, eu vou mesmo voar de novo! (PEGA UM CHARUTO E CHUI
TÁ LHE OFERECE FOGO) Acha que por trezentos dólares ain-
da se pode vender esta loja?
- CHUI TÁ - Permita-me perguntar: tem a intenção de vendê-la imedia-
tamente!?
- SUN - Temos trezentos dólares em caixa? (CHUI TÁ NEGA, COM A
CABEÇA) Foi muito amável da parte dela soltar logo os du-
zentos. Mas sem os trezentos, pouco adiantam.
- CHUI TÁ - Talvez fosse um pouco apressado ela prometer o dinheiro.
Isto pode lhe custar a loja.
- SUN - Preciso do dinheiro, agora ou nunca. E a moça não é das
que ficam vacilando. Aqui entre nós, de homem para homens
até agora não vacilou em nada.
- CHUI TÁ - Ah, sim!
- SUN - O que, aliás, só conta a favor dela!
- CHUI TÁ - Posso saber que fim terão esses quinhentos dólares?
- SUN - Claro. O chefe do hangar de Pequim, colega meu da escola
de aeronáutica, só me consegue o lugar se eu espichar os
quinhentos dólares.
- CHUI TÁ - Não é uma soma elevada demais?
- SUN - Não, não. Ele precisa despedir, por negligência, um ou-
tro piloto. O senhor sabe: isto eu lhe digo em confiança.
Chen Tê não precisa ficar sabendo.
- CHUI TÁ - Talvez não. Mas, diga-me uma coisa: e esse chefe de han-
gar não fará o mesmo com o senhor, no mês seguinte?
- SUN - Não, comigo não! Comigo não há negligência! Já passei mui-
to tempo sem emprego!
- CHUI TÁ - (APROVANDO COM A CABEÇA) O cão faminto puxa melhor o tre-



nó... (OBSERVA-O) É uma responsabilidade enorme: o senhor quer que minha prima renuncie aos poucos bens que possui, aos amigos que tem nesta cidade, e ponha o destino dela inteiramente em suas mãos. Suponho que tenha a intenção de casar-se com a senhorita Chen Tê!

SUN - Isto estou pronto a fazer.

CHUI TÁ - Senhor Iang Sun, minha prima incumbiu-me de ajudá-lo a obter esse lugar, que é tudo para o senhor. Do ponto de vista de minha prima, não vejo nenhum empecilho a que ela siga o impulso do coração: tem pleno direito a compartilhar as alegrias do amor. Estou pronto a converter, tudo isto aqui, em dinheiro. Aliás, aí vem a dona do prédio, senhora Mi Tsu, a quem eu quero consultar sobre a venda.

SRA.MI TSU- (ENTRANDO) Bom dia, senhor Chui Tá. Trata-se do aluguel da loja: O prazo acaba depois de amanhã.

CHUI TÁ - Senhora Mi Tsu, por imprevistas circunstâncias tornou-se pouco provável que minha prima continue com a loja. Ela está pensando em casar-se, e seu futuro marido (APRESENTA), o senhor Iang-Sun, vai com ela para Pequim, onde esperam começar nova vida. Se eu conseguir o bastante, vendo o fumo.

SRA.MI TSU- De quanto o senhor precisa?

SUN - Trezentos, batidos.

CHUI TÁ - Não, quinhentos!

SRA.MI TSU- Quanto custou esse fumo?

CHUI TÁ - Minha prima deu, por ele, mil dólares de prata; e não vendeu quase nada.

SRA.MI TSU- Mil dólares de prata! Naturalmente ela foi embrulhada! Uma coisa eu lhe digo: dou trezentos pela loja inteira, se for entregue depois de amanhã.

SUN - Entregamos, Tá aí, velho!

CHUI TÁ - É muito pouco.

SUN - É o bastante.

CHUI TÁ - Preciso de, no mínimo, quinhentos.

SUN - Para que?

CHUI TÁ - Permita-me dizer duas palavras ao noivo de minha prima. (A SUN, À PARTE) Todo esse fumo está empenhado a um casal de velhos, pelos duzentos dólares de prata que o senhor recebeu ontem.



- SUN - (HESITANTE) Há algum documento escrito?
- CHUI TÁ - Não.
- SUN - (À SRA. MI TSU) Podemos fazer por trezentos. Quando é que vem o dinheiro?
- SRA. MI TSU - Depois de amanhã. Se estivessem um mês para vender, haviam de arranjar mais. Eu dou trezentos só pelo prazer de contribuir para a felicidade dos jovens namorados.
(SAI)
- SUN - (GRITANDO) Caixinhas e potinhos e saquinhas, tudo isso por trezentos, e chega de aporrinhação!
- CHUI TÁ - Para a viagem dos dois e para os primeiros dias, o senhor já tem o bastante?
- SUN - Hei de arranjá-lo de qualquer maneira, nem que tenha que roubar!
- CHUI TÁ - Ah, então essa quantia ainda falta arranjar também?
- SUN - Não esquenta a cabeça, velho! Eu vou chegar a Pequim!
- CHUI TÁ - Mas para duas pessoas não custa assim tão pouco...
- SUN - Duas? A pequena fica aqui. Ela seria, nos primeiros tempos, uma pedra amarrada no meu pescoço.
- CHUI TÁ - (DEPOIS DE UMA BREVE PAUSA) Compreendo. E minha prima, de que vai viver?
- SUN - O senhor não pode fazer nada por ela?
- CHUI TÁ - Farei o que for possível.
- SUN - Depois de amanhã! E não me apareçam de mãos vazias: isso é parte do contrato de casamento! Ela leva trezentos dólares, ou senão tu mesmo trazes! Ou ela ou tu, ouviu bem?
(SAI)
- SRA. CHIN - (ASSOMANDO A CABEÇA PELA PORTA) Nada simpático, o moço. E toda a rua Amarela sabe que ele tem a moça inteiramente nas mãos.
- CHUI TÁ - (NUM GRITO) Lá se vai a loja! Não existe amor! É a ruína! Estamos perdidos! (ANDA DE UM LADO PARA O OUTRO, COMO UM ANIMAL ENJAULADO, SEMPRE REPETINDO, "Lá se vai a loja!")
- SRA. CHIN - Ach melhor ir chamar o barbeiro. Uma conversa com ele não fará mal algum. (COMO NÃO OBTÉM RESPOSTA, SAI E VAI ATÉ A BARBEARIA DO SR. CHU FU, DE ONDE VOLTA EM COMPANHIA DO BARBEIRO)



- CHUI TÁ - (À ENTRADA DO SR. CHU FU) Meu caro, acaba de chegar aos meus ouvidos que o senhor tem por minha prima um interesse especial. Deixe-me por de lado as cerimônias, que exigem discrição, visto que no momento a senhorita se expõe ao maior perigo!
- CHU FU - Oh! Senhor Chui Tá, o que faz o encanto da senhorita Chen Tê não é a beleza da loja, mas a bondade de seu coração.
- CHUI TÁ - Essa bondade, meu caro senhor, custou a minha prima duzentos dólares de prata num só dia. Ela está arruinada.
- CHU FU - É a natureza da senhorita Chen Tê fazer o bem! Toda manhã eu a vejo, radiante de emoção, dando comida a umas quatro pessoas... Mas de que adianta isso? Por que não dar comida a quatrocentas? Ouvi dizer, por exemplo, que ela quebra a cabeça para acolher alguns desamparados. Os meus prédios, atrás do matadouro, encontram-se vazios: pois estão às ordens dela. Senhor Chui Tá, posso esperar que tais idéias, ocorridas nestes últimos dias, contem com a simpatia da senhorita Chen Tê?
- CHUI TÁ - Senhor Chu Fu, tão elevados pensamentos ela há de ouvir com verdadeira admiração.
(WANG ENTRA COM O POLICIAL. NÃO VE O SR. CHU FU, QUE VIRASE PARA AS PRATELEIRAS)
- WANG - A senhorita Chen Tê está? Eu sou Wang, o aguadeiro.
- CHUI TÁ - Bom dia, Wang.
- WANG - Sou amigo de Chen Tê.
- CHUI TÁ - Eu sei, é uma das amígdas amigas antigas que ela tem.
- WANG - (AO POLICIAL) Está vendo? (A CHUI TÁ) Eu vim por causa desta mão...
- POLICIAL - Está quebrada, nem se discute.
- CHUI TÁ - Sim, já vi, e precisa uma tipóia para o braço.
(PEGA UM XALE E ATIRA-O A WANG)
- WANG - Mas este é o xale novo!
- CHUI TÁ - Não há mais necessidade.
- WANG - Ela comprou para agradar certo senhor...
- CHUI TÁ - Verificou-se que não é mais necessário...
- WANG - (IMPROVISANDO UMA TIPÓIA) Ela é a única testemunha que eu tenho.
- POLICIAL - Será que a senhorita sua prima viu o barbeiro Chu Fu bater na mão do aguadeiro com um ferro de frisar? Tem alguma idéia disso?



- CHUI TÁ - Eu só sei que minha prima não estava aqui no momento do incidente.
- WANG - Deve haver algum mal-entendido. Esperem só Chen Tê chegar, e tudo se há de esclarecer. Chen Tê vai confirmar tu do.
- CHUI TÁ - Senhor Wang, o senhor se diz amigo de minha prima. Ela foi explorada em todos os sentidos, impiedosamente. Não poderá, daqui para o futuro, permitir-se a mínima fraqueza. O senhor, por certo, não vai querer que ela se perca irremediavelmente, falseando a verdade neste caso.
- WANG - Mas se fui ao juíz a conselho dela!
- CHUI TÁ - E o juíz ia curar sua mão?
- POLICIAL - Não, mas fazia o barbeiro pagar.
- CHUI TÁ - (VIRA-SE PARA O SENHOR CHU FU) Eu tenho por princípio, se nhor Wang, não me meter em questões entre amigos meus. (CHUI TÁ E CHU FU CURVAM-SE UM PARA O OUTRO)
- WANG - (TIRA A TIPÓIA E DEIXA O XALE NO BALCÃO) Compreendo.
- POLICIAL - Para essa impostoria escolheste mal a pessoa! De outra vez, antes de apresentar queixa, vê se tens mais cuidado seu malandro! (SAEM)
- CHU FU - Senhor Chui Tá, essa história de "um certo senhor", está mesmo acabada?
- CHUI TÁ - Inteiramente. O homem se revelou. Decerto leva ainda algum tempo até a ferida cicatrizar.
- CHU FU - Tem-se que ter cuidados, atenções...
- CHUI TÁ - O golpe foi recente...
- CHU FU - Ela devia ir para o campo...
- CHUI TÁ - Sim, por uma ou duas semanas. No entanto, já havia de me lhorar se pudesse ir abrindo o coração a alguém de con-fiança.
- CHU FU - Talvez durante uma pequena ceia num restauantezinho...
- CHUI TÁ - E com toda a discrição. Vou depressa falar com minha prima: ela há de ser compreensiva. Está em grande aflição por causa desta loja, que para ela é um presente dos deuses. Queira desculpar-me, uns dois minutos! (SAI PELO DEPÓSITO).
- SRA. CHUIN- (PÕE A CABEÇA DE FORA) A gente já pode dar os parabéns?
- CHU FU - Pode. E da minha parte, sra. Chuin, queira hoje mesmo dizer aos protegidos da senhorita Chen Tê, que eu vou dar abrigo a eles, em meus prédios detrás do matadouro.



(ENTRA SUN)

- SUN - Que que está havendo por aqui?
- SRA. CHIN - Senhor Chu Fu, se o senhor quizer eu posso ir chamar o senhor Chui Tá. Ele não vai permitir a permanência de es tranhos dentro da loja.
- CHU FU - A senhorita Chen Tê está agora com o senhor Chui Tá, numa conversa importante que não deve ser interrompida.
- SUN - Então, ela está aí? Eu não vi ninguém entrar! Que conversa é essa? Também quero tomar parte.
- CHU FU - (IMPEDINDO-O DE ENTRAR) Agora vai ter paciência, meu caro. Eu creio que já sei quem é o senhor... E para seu conhecimento: a senhorita Chen Tê e eu estamos para anunciar nosso noivado.
- SUN - O que?
- SR. CHIN - Causa-lhe surpresa, né?
(SUN TENTA ABRIR CAMINHO RUMO AO DEPÓSITO, DE ONDE ENFIM SAI CHEN TÊ)
- CHU FU - Desculpe, minha querida Chen Tê! Você talvez possa explicar...
- SUN - Que aconteceu, Chen Tê? Ficou maluca?
- CHEN TÊ - (SEM TOMAR FOLEGO) Sum, meu primo e o senhor Chu Fu combinaram que eu ouviria as idéias do senhor Chu Fu quanto à maneira de dar assistência a pessoas do bairro. (PAUSA) Meu primo é contra as relações entre nós dois.
- SUN - E você, está de acordo?
- CHEN TÊ - Estou.
- SUN - (DEPOIS DE UMA PEQUENA PAUSA) Disseram a você que eu sou mau elemento. (CHEN TÊ FICA EM SILÊNCIO) Talvez eu seja mesmo, Chen Tê! E por isso eu preciso de você. Sou um sujeito ordinário, sem dinheiro, sem bons modos. Chen Tê, eles vão levá-la à desgraça! (APROXIMA-SE DELA E FALA BAI O) Olhe bem para ele: você não tem olhos? Pobre bichinho, onde mais querem que vá? A um casamento de conveniências? Sem mim, iam já levá-la para o matadouro: digá se, em minha ausência, você não ia embora com êle.
- CHEN TÊ - Ia.
- SUN - Com um homem a quem não ama.
- CHEN TÊ - É.
- SUN - Você já esqueceu tudo? Aquela chuva...



- CHEN TÊ - Não.
- SUN - Você me afastou daquela árvore... pagou um copo d'água para mim... Depois prometeu dinheiro para eu voltar a voar...
- CHEN TÊ - Que é que você quer mais?
- SUN - Quero que fique comigo.
- CHEN TÊ - Senhor Chu Fu, me perdoe: eu quero ficar com Sun.
- SUN - O senhor sabe: somos namorados! (LEVA-A EM DIREÇÃO À PORTA) Onde está a chave da loja? (TIRA-A DO PESCOÇO DE CHEN TÊ, E ENTREGA À SRA. CHIN) Ponha-a por baixo da porta, quando tiver terminado a faxina. Vamos, Chen Tê!
- CHU FU - Mas isso é um verdadeiro sequestro, (GRITA) Senhor Chui Tá!
- SUN - Diga-lhe que não grite assim.
- CHEN TÊ - Peço-lhe para não chamar meu primo, senhor Chu Fu. Sei que ele não está de acordo, mas sinto que quem tem razão sou eu (AO PÚBLICO)
Quero ir com aquele a quem amo.
Não quero saber o quanto isso vai custar;
se ele é bom, eu não quero perguntar.
Não quero nem saber se ele me ama,
só quero ir com aquele a quem amo.
- SUN - É isso mesmo. (SAEM OS DOIS)

INTERLÚDIO
NA FRENTE DA CORTINA

- CHEN TÊ - (ENQUANTO FALA COM O PÚBLICO, A SRA. CHIN LHE AJUDA A VESTIR-SE DE NOIVA)
Aconteceu-me uma coisa terrível. Mal eu cruzava a porta, surgiu em plena rua, aquela anciã, mulher do tapeceiro, e me contou, tremendo, que o marido adoeceu por medo de não reaver o dinheiro que ela me emprestou; disse que, em todo o caso, o melhor seria eu devolver logo. Prometi, naturalmente. Ela comoveu-se toda, e em prantos me desejou boa sorte, pedindo-me perdão por não poder confiar muito em meu primo e ainda menos em Sun. Quando ela se afastou, foi preciso sentar-me num degrau, tão chocada fiquei comigo mesma. Numa explosão de carinho eu me atirei de novo nos braços de Iang Sun: não pude resistir à fala e às carícias dele! O mal - como diria Chui Tá - não serviu de lição para Chen Tê. Caindo-lhe nos braços, eu ainda pensei: enfim, os deuses hão de querer que eu também para mim mesma. Como pude esquecer assim os bons dos velhos? Sun, feito um furação no rumo de Pequim, varreu-me a loja e todos os amigos. Mas ele não é mau, e me quer bem: quando estou a seu lado, ele não faz maldade. Voar é sua grande paixão. Serei eu bastante forte para despertar nele, o bem?



CENA VI

NA SALA RESERVADA DE UM RESTAURANTE. UM GARÇON SERVE VINHO. DE PÉ, JUNTO A CHEN TÊ, O AVÔ? A CUNHADA, A SOBRINHA, A SRA. CHIN E O DESEMPREGADO. DE PÉ, SOLITÁRIO A UM CANTO, UM SACERDOTE BUDISTA, O BONZO. IANG SUN, DE SMOKING, EM PRIMEIRO PLANO, FALA COM A SRA. IANG, SUA MÃE)

- SUN - Algo desagradável, minha mãe: com a maior inocência, ela acaba de me dizer que não pode vender a loja, para mim. Não sei quem está forçando a cobrança daqueles duzentos dólares, que ela tomou emprestado e deu à senhora. Mas quanto a isso, diz o primo dela que não há nada escrito.
- SRA. IANG - E tu, que lhe respondeste? Assim não vais mais casar com ela.
- SUN - Não adianta conversar sobre essas coisas, ela tem cabeça dura. Mandei procurar o primo. Ele logo há de ver que a loja está perdida, pois eu não devolvo os duzentos dólares e assim sendo os credores tomam conta; mas meu emprego também estará perdido se eu não tiver os trezentos que faltam.
- SRA. IANG - Vou esperá-lo em frente ao restaurante. Agora vai ficar com a noiva, Sun!
- CHEN TÊ - Sun, com a noiva você ainda não brindou.
- SUN - A que vamos brindar?
- CHEN TÊ - Ao futuro.
(BEBEM)
- SUN - E que o smoking do noivo não seja mais alugado!
- CHEN TÊ - E que o vestido da noiva às vezes apanhe chuva!
- SUN - A tudo que de bom nos desejamos!
- CHEN TÊ - Que se realize depressa!
- SRA. IANG - (ENTRE OS CONVIDADOS, PRIMEIRO A SRA. CHIN) Eu estou encantada com meu filho. Sempre incuti nele a idéia de que poderia ter quantas mulheres quisesse, ainda mais sendo mecânico formado e aviador. E que me diz ele agora? "Mãe vou casar por amor!" Dinheiro não é tudo!" E eis aí um casamento por amor! (À CUNHADA) às vezes tem de acontecer, não é? Mas é duro, para uma mãe, é duro. (AO BONZO) Não encurte a cerimônia! Se ao menos dedicar a ela o mesmo tempo que gastou na combinação do preço, já será digno o ofício! (A CHEN TÊ) O fato é que precisamos demorar um pouco mais, querida: um dos mais preciosos convidados ainda não apareceu. Peço que me desculpem! (SAI)
- CUNHADA - Havendo vinho, esperamos com prazer.
- CHEN TÊ - Sun, quem é que sua mãe está esperando?

- SUN - Surpresa para você. E a propósito: que é do seu primo, Chen Tê? Eu me entendi bem com ele: um homem ponderado, uma cabeça!
- CHEN TÊ - Não quero pensar nele.
- SUN - Por que não?
- CHEN TÊ - Porque vocês não devem dar-se bem: se você gosta de mim, não poderá gostar dele.
- SUN - Então que os demônios o levem. Vamos, beba, sua teimosa!
- CUNHADA - (À SRA. CHIN) Há alguma coisa aqui que não me cheira bem...
- SRA. CHIN - Que é que a gente podia esperar?
- BONZO - (OLHANDO O RELÓGIO) Preciso ir, sra. Iang. Hoje tenho ou tro casamento e amanhã de manhã, um funeral.
- SRA. IANG - Pensa que todo esse atraso é agradável para mim? Contávamos que bastasse uma moringa de vinho: agora veja, está quase no final! (EM VOZ ALTA, A CHEN TÊ) Não compreendo, querida Chen Tê, por que teu primo se faz esperar tanto!
- CHEN TÊ - Meu primo?
- SRA. IANG - Ora, meu bem, é por ele que estamos esperando. Sou antiquada o bastante para achar que um parente da noiva deve comparecer ao casamento.
- CHEN TÊ - Ah, Sun, por causa de trezentos dólares!...?
- SUN - (SEM OLHAR PARA ELA) Você acabou de ouvir: ela é antiquada. Vamos esperar mais um quarto de hora, se ele não chegar, é que os demônios o levaram...
- SRA. IANG - Todos já sabem que meu filho consegui um lugar de piloto do correio-aéreo? Isso me alegra muito, por que hoje em dia é necessário ganhar bem.
- CUNHADA - É em Pequim, não é?
- SRA. IANG - É, em Pequim, mesmo.
- CHEN TÊ - Sun, precisa dizer à sua mãe que não há nada em Pequim...
- SUN - Seu primo é que vai dizer. Ele não concorda com você. E eu concordo com ele.
- CHEN TÊ - Sun!
- SUN - Como eu detesto Setsuan!
- CHEN TÊ - Mas eu já disse aos velhos que devolvia o dinheiro!



- SUN - Você já me disse isso também. E por ser capaz de cometer semelhante tolice é que é melhor que seu primo venha. Beba e deixe esse negócio conosco. Nós resolvemos tudo.
- CHEN TÊ - (ASSUSTADA) Meu primo não pode vir.
- SUN - Que quer dizer?
- CHEN TÊ - Ele não está mais aqui.
- SUN - E quanto ao nosso futuro, quer me dizer o que você está pensando?
- CHEN TÊ - Penso que amanhã mesmo podemos devolver os duzentos dólares, apanhar todo o fumo, que vale muito mais, e ir vender a varejo na fábrica de cimento, pois já não dá para pagarmos os seis meses de aluguel!
- SUN - Esquça isso! Esquça de uma vez, irmã! Então eu, Iang Sun, o aviador, vou me plantar no meio de uma rua, em frente a uma fábrica de cimento, para vender tostões de fumo aos operários? É preferível, numa noite só, meter o pau nesses duzentos dólares! É preferível me afogar no rio! Seu primo ficou de trazer os outros trezentos na hora do casamento.
- CHEN TÊ - Meu primo não pode vir.
- SUN - Creio que ele não pode é deixar de vir.
- CHEN TÊ - Onde eu estou, ele não pode estar.
- SUN - Quanto mistério!
- CHEN TÊ - Sun, é preciso que saiba: ele não é seu amigo! Quem gosta de você sou eu! Meu primo Chui Tá não gosta de ninguém. É amigo meu, mas não dos meus amigos. Deixou que eu desse a você o dinheiro dos dois velhos, acreditando no emprego de aviador: mas não vai dar trezentos dólares para o meu casamento!
- SUN - E por que não?
- CHEN TÊ - (FITANDO-O NOS OLHOS) Diz que você comprou uma passagem só, para Pequim.
- SUN - Isso foi ontem, mas veja bem o que hoje eu posso mostrar! (MOSTRA ATÉ O MEIO, SEM TIRAR DO BOLSO? DOIS CARTÕES) A velha não precisa ver: dois bilhetes para Pequim, um meu e um seu. Vai me dizer agora que seu primo ainda é contra o casamento?
- CHEN TÊ - Não.
- SUN - Por sua causa, vendi toda a mobília dela.





CHEN TÊ - Sun, esse emprego em Pequim, não temos meio de obtê-lo honestamente... Devolva os duzentos dólares que recebi de mim. Devolva logo, Sun.

SRA. IANG - Sun, este primo vem mesmo, com certeza? Chega a dar impressão de que ele tem alguma coisa contra este casamento e não quer comparecer.

SUN - Que idéia a sua, mamãe! Ele e eu somos unha e carne! Nós vamos esperar. (NO MEIO DA SALA GRITANDO) Seu primo tem juízo, mais do que você! O amor, diz ele com sabedoria, faz parte da existência! E, o que é mais importante, ele bem sabe o que vai acontecer a você: nem mais loja e nem mais casamento!

SRA. CHIN - Isso já cheira a escândalo: a noiva espera pelo casamento, enquanto o noivo espera o primo dela...

SUN - Ficar aqui sentado, com as passagens no bolso e ao lado de uma doida que não sabe fazer contas! Já vejo o dia em que manda até a polícia à minha casa, buscar os duzentos dólares!

CHEN TÊ - (AO PÚBLICO)
Ele é mau, e quer que eu seja má também. Eu, que o amo, fico aqui, e ele esperando meu primo. Mas sei que tenho do meu lado, uma porção de gente: uma velha com o marido doente, os pobres que esperam à minha porta o arroz de cada manhã, e em Pequim um desconhecido honrado que se esforça por não perder o emprego. Esses me dão forças, pois confiam em mim.

GARÇON - Mais uma moringa de vinho?

SRA. IANG - Não, creio que esta basta. O vinho esquenta muito, não é?

SRA. CHIN - E também sai muito caro.

SRA. IANG - Eu começo logo a suar, sempre que bebo.

GARÇON - Então, posso pedir-lhe que liquide a conta?

SRA. IANG - (FINGINDO NÃO OUVIR) Solicito aos presentes ainda um pouco de paciência; o parente que esperamos já deve estar a caminho. (AO GARÇON) Não perturbe a cerimônia.

GARÇON - Tenho ordem de não deixá-la sair sem pagar a conta.

SRA. IANG - Ora, aqui já me conhecem!

GARÇON - Exatamente.

SRA. IANG - Audaciosa, a criadagem hoje em dia!

BONZO - (SAINDO) A todos, os meus respeitos. (SAI)



SRA. IANG - Acalmem-se em seus lugares. O sacerdote voltará dentro de alguns momentos.

SUN - Deixe, mamãe! Senhoras e senhores, já que o sacerdote saiu, hoje não haverá mais casamento. (OS CONVIDADOS COMEÇAM A SAIR)

AVÔ - (BRINDANDO A SAIDA) À noiva!

SOBRINHA - (A CHEN TÊ) Não leva a mal: brindou por amizade. Ele te que muito bem.

SRA. CHIN - Eu chamo a isto um fiasco!
(SAEM TODOS)

CHEN TÊ - E eu, devo sair também?

SUN - Não. Você fica esperando! (PUXA-A PELO VÉU DE NOIVA) O casamento não é seu? Eu continuo esperando e a minha velha também. Ela quer, a todo custo, ver o seu falcão nas nuvens! Eu, porém, já estou achando que só mesmo no Dia-de-São Nunca! (FALA ÀS CADEIRAS, COMO SE AOS CONVIDADOS) Senhoras e senhores! A conversa esfriou? Não gostaram daqui? O casamento está um pouco atrasado porque nós ainda esperamos por um parente graúdo e porque a noiva ainda não sabe o que é amor. O noivo, para entretê-los, vai cantar uma canção!

CANÇÃO DO DIA-DE-SÃO-NUNCA

SRA. IANG - Ele não vem mais.
(FICAM SENTADOS OS TRÊS).

INTERLÚDIO
NO ABRIGO NOTURNO DE WANG.

WANG - Que bom que viestes, Santíssimos! Eu queria, com vossa permissão, fazer-vos uma pergunta que me vem deixando inquieto. Entre os restos da cabana de um padre, que se mudou e foi ser ajudante na fábrica de cimento, achei um livro e nele descobri um trecho muito curioso. Tenho necessidade absoluta de lê-lo para vós. Aqui está:
"Em Sung existe um lugar chamado Mata-de-Espinhos. Ali crescem ciprestes, catalpas e amoreiras. As árvores que têm um a dois palmos de circunferência são cortadas por pessoas que delas querem fazer paus de cerca: as de três ou quatro palmos são cortadas pelas famílias que procuram tábuas para urnas funerárias; as de sete a oito palmos de circunferência são cortadas por aqueles que andam atrás de vigas para vivendas de luxo. Com isso, nenhuma delas chega até à madureza, porque machado ou serrote sempre lhes corta o caminho. Tal é o prêmio da utilidade."

3º DEUS - Nesse caso, o inútil seria melhor?

WANG - Não, mas o de melhor sorte: o pior é o de mais sorte!



1º DEUS - Escreve-se cada coisa!... (OS DEUSES COMEÇAM SAIR)

WANG - Santíssimos, ouvi-me! Essa parábola tem a ver com Chen Tê! No amor ela fracassou por seguir o mandamento do "amor ao próximo!" Ela é talvez boa demais para este mundo, Santíssimos! Santíssimos, ela precisa de ajuda! A lo ja parece estar perdida... Só mais uma vezinha... não p_o deríeis ao menos... (ELES NÃO OUVEM MAIS).

CENA VII

NUMA CARRETA, ALGUNS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS. CHEN TÊ E A SRA. CHIN TI RAM A ROUPA DA CORDA.

SRA. CHIN - Não compreendo por que você não lutar, com unhas e dentes, pela sua loja.

CHEN TÊ - Como? Não tenho sequer para o aluguel. E hoje preciso de volver duzentos dólares de prata àquele casal de velhos; mas como os entreguei a outra pessoa, tenho que vender o fumo à Sra. Mi Tsu.

SRA. CHIN - Então lá se vai tudo! Sem marido, sem fumo, e sem casa! É o que acontece, quando a gente quer ser melhor que os outros. (CURIOSA) Como veio parar aqui a calça do senhor Chui Tá? Deve ter saído nu!

CHEN TÊ - Ele tinha outra calça.

SRA. CHIN - Você mesma falou, se não me engano, que ele partiu para sempre! Por que não levou a calça?

CHEN TÊ - Talvez não precisasse mais dela.

SRA. CHIN - Não é melhor embrulhar?

CHEN TÊ - Não.
(ENTRA AFOBADO O SENHOR CHU FU)

CHU FU - Não diga nada. Sei de tudo: está sacrificando o seu amor para que um casal de velhos, que acreditou em você, não fique arruinado. Não é à toa que em todo o bairro você é chamada de "O Anjo dos Subúrbios!" Jamais poderia o seu noivo chegar à sua elevação moral, e você o deixou. E agora vai fechar a loja, esta pequena ilha de refúgio para tanta gente! Isso eu não posso consentir! Do portal da minha loja, manhã após manhã, eu a vi repartir o seu arroz com o pequeno rebanho de infelizes em frente à sua casa. E isso acaba, para sempre? Agora o bem vai desaparecer? Ah, senhorita, se me deixasse ser-lhe útil no seu belo trabalho! Não, não, não diga nada! Não quero a sua palavra, nem o menor compromisso de aceitar a minha ajuda! Aqui fica, assinado (DEIXANDO SOBRE A CARRETA) um cheque em branco, para a senhorita pôr qualquer quantia, à vontade, e eu me retiro quieto e conformado, pe'ante pé, sem nenhuma exigência, sem o mínimo interesse e com o máximo respeito. (SAI)



- SRA. CHIN - (EXAMINANDO O CHEQUE) Está salva! Que sorte você tem! Acha sempre um idiota! Agora aproveita: Escreva aí 1000 dólares de prata e eu levo correndo ao Banco, antes que ele recupere o juízo!
- CHEN TÊ - Ponha a cesta de roupa na carreta: posso pagar a conta sem o cheque.
- SRA. CHIN - O que? Não vai aceitar o cheque? Isso é um crime! Só por pensar que, com isso, deve casar-se com ele? Seria a extrema loucura! Esse é dos tais que obedecem com argolano nariz! Ou ainda quer alguma coisa com seu avião, que toda a rua Amarela e o bairro todo sabe como ele procedeu mal com você?
- CHEN TÊ - Tudo devido à miséria! (AO PÚBLICO)
De noite eu lhe vi as faces inflarem-se em pleno sono: eram cheias de maldade!
E de manhã fui olhar seu paletó contra a luz: vi, do outro lado, a parede.
Vendo o seu riso matreiro eu tinha medo, porém vendo os seus sapatos rotos... como eu lhe queria bem!
- SRA. CHIN - Então, ainda o defende? Nunca vi semelhante maluquice!
- CHEN TÊ - Sinto-me um pouco tonta.
- SRA. CHIN - Essas tonturas são muito frequentes, quando você se abaixa e levanta? Olha se não vem por aí um garoto a caminho! (RI) Ele pegou-a de jeito mesmo! E se for este o caso, o cheque não adianta. Isso não estava no programa! (CHEN TÊ FICA IMÓVEL, VENDENDO A SRA. CHIN SE AFASTAR. DEPOIS EXAMINA O VENTRE. UMA GRANDE ALEGRIA ILUMINA-LHE O ROSTO)
- CHEN TÊ - Que alegria! Um homenzinho forma-se no meu ventre. Ainda não se vê nada, mas ele está aí. O mundo o aguarda em segredo, mas um rumor já percorre as cidades: aí vem mais um, com quem é preciso contar! (APRESENTA O FILHO AO PÚBLICO) Um avião! (PÕE-SE A CAMINHAR COMO SE LEVASSE O FILHO PELA MÃO) Venha, meu filho, contemplar o mundo! Isto aqui é uma árvore: faça uma curvatura, cumprimente! Portanto, já se conhecem. Olhe, aí vem o aguadeiro: é nosso amigo, dê a mão a ele! Não tenha medo: "Um copo de água fresca, por favor, para meu filho!" (DÁ-LHE O COPO). Ah, o polícia! Vamos, então, por aqui. E se fôssemos apanhar cerejas no jardim do Senhor Fe-Pung. Cuidado, não podemos ser vistos! Venha, filho sem pai! Quer cerejas, também, de mansinho, de mansinho, meu filho. Por aqui: a folhagem verde nos esconde. Não, em linha reta, não! Assim você nunca consegue nada. (COMO SE O PEQUENO EXISTISSE) Precisamos ter juízo. (DEREPENTE, ELA CEDE) Está bem, se você quer mesmo ir em linha reta e a descoberto... (PÕE O FILHO NO COLO) Assim você alcança as cerejas... Guarde na boca, que é o melhor esconderijo! (ELA TAMBÉM COME UMA) Que bom! Diabos, a polícia! É hora de correr! (FO-



(GEM) Aqui estamos a salvo. Calma, agora: vamos devagar para não dar na vista. Como se não tivesse acontecido na da...

(ENTRA WANG)

- CHEN TÊ - Wang! Bom dia!
- WANG - Escutei dizer que as coisas não te correm bem.
- CHEN TÊ - As coisas não são fáceis, mas eu estou feliz. Espero um filho, Wang, mas não contes a ninguém: Senão Iang Sun é capaz de saber, sem necessidade. E a tua mão como vai? Eu queria testemunhar em teu favor, mas meu primo...
- WANG - Não te preocupes com a minha mão: olha, aprendi a passar sem a direita. Quase não sinto falta dela. (MOSTRA A CHEN TÊ COMO MANEJAR A QUARTOLA SEM A MÃO DIREITA) Vê, como eu faço!
- CHEN TÊ - Mas não podes ficar com a mão dura! Leva essa carreta, vende tudo, e com o dinheiro vai ao médico. Eu estou com vergonha de ter faltado ao que prometi.
- SRA. CHIN - Você está doida: botar fora a carroça com as últimas coisas que lhe restam? Que interessa a mão dele? Se o barbeiro souber disso, talvez a expulse do seu único refúgio! E você ainda nem me pagou a lavagem da roupa!
- CHEN TÊ - Por que a senhora é tão má?
(A SENHORA CHIN RETIRA-SE FURIOSA)
(ENTRA A MULHER, O MARIDO E O SOBRINHO QUE VISITARAM CHEN TÊ NO DIA DA INAUGURAÇÃO DA LOJA: VEM ARRASTANDO UNS SACOS)
- MULHER - Onde está o primo?
- CHEN TÊ - Vianjando.
- MULHER - Vai voltar?
- CHEN TÊ - Não, eu desisti da loja.
- MULHER - Não soubemos. Por isso é que estamos aqui: temos uns sacos de fumo que uma pessoa nos devia, e gostaríamos que os transportases, com teus pertences, para a tua nova casa. Ainda não temos lugar para guardá-los, e eles na rua chamariam a atenção. Também não vejo como poderias recusar esse pequeno favor, depois de tantos aborrecimentos que tua loja nos deu.
- CHEN TÊ - É um favor que vos faço com toda a boa vontade.
- MARIDO - E se alguém perguntar a quem pertencem, podes dizer que não são teus.
- CHEN TÊ - Quem haveria de perguntar?



- MULHER - (OLHANDO-A SIGNIFICATIVAMENTE) A polícia, por exemplo, está de prevenção conosco e quer nos prejudicar. Onde é que colocamos os sacos?
- CHEN TÊ - Não sei. Neste momento, eu não gostaria de fazer nada que pudesse me levar à prisão.
- MULHER - Tu és assim mesmo! Ainda acabamos perdendo esses miseráveis sacos de fumo, tudo o que, dos nossos bens, ainda pu demos salvar!
(CHEN TÊ PERMANECE EM SILÊNCIO, ORSTINADAMENTE)
- MARIDO - Pensa bem: esse fumo para nós, seria o ponto de partida para uma pequena indústria. Daí poderíamos prosperar...
- CHEN TÊ - Está bem, eu guardarei as sacas. Por ora, ficam no fundo da loja.
- MULHER - Mas olha lá: pomos em tí toda nossa confiança!
- CHEN TÊ - Sim.
- MARIDO - (SAINDO) Nós te veremos depois de amanhã, nas propriedades do senhor Chu Fu.
- CHEN TÊ - Agora saiam depressa: eu não estou me sentindo bem.
(AO PÚBLICO)
A partir de agora, eu não descansarei até salvar meu filho, ao menos dele!
O que aprendi na rua - minha escola de artimanhas e lutas - vai agora servir a ti, meu filho, pois contigo serei boa... mas tigre e fera brava para todos os outros, se preciso for.
E é preciso!
É necessário ainda uma vez: a última vez, espero.
(APANHA A CALÇA DE CHUI TÁ, SOB O OLHAR CURIOSO DA SENHORA CHIN E DE WANG. E SAI)
(ENTRAM A CUNHADA E O AVÔ)
- CUNHADA - A loja fechada, os móveis no pátio... é o fim!
- SRA. CHIN - É no que acabam a frivolidade, a sensualidade e o egoísmo! Sabe aonde leva esse caminho? Aos galpões do senhor Chu Fu, onde vocês estão.
- CUNHADA - Pois vai ficar encantada: aquilo lá é uma toca de ratos com o chão todo podre! Aquilo o barbeiro nos deu porque estão mofando lá os estoques de sabão!
- DESEMPREGADO - (ENTRANDO) Verdade que Chen Tê vai embora?
- CUNHADA - É. Queria sair as escondidas, sem a gente saber...
- SRA. CHIN - Com vergonha, porque está arruinada.
- DESEMPREGADO - Ela precisa chamar o primo! Digam-lhe que chame o primo! Só ele será capaz de fazer alguma coisa!



- (VAI ENTRANDO O MARCENEIRO)
- CUNHADA - Isso é verdade! Ele é muito sovina, mas ao menos salva a loja e nós estaremos salvos.
- DESEMPREGADO - Eu não pensava em nós, pensava nela. Mas está certo: por nós, também, é preciso chamá-lo.
- MARCENEIRO -Então é verdade?
(ENTRA CHUI TÁ)
- CHUI TÁ - Posso indagar o que fazem todos aqui?
- DESEMPREGADO - O senhor Chui Tá!
- WANG - Bom dia, senhor Chui Tá. Eu não sabia que estava de volta.
- CHUI TÁ - Eu voltei para comunicar aos senhores que os galpões do senhor Chu Fu não estão mais desocupados. O local foi destinado a outros fins.
- CUNHADA - Isso quer dizer que nós não vamos poder continuar morando lá?
- CHUI TÁ - Receio que sim.
- CUNHADA - Para onde vamos, então?
- CHUI TÁ - Pelo que pude entender, a senhorita Chen Tê, ao sair de viagem, não foi com o propósito de deixá-los na mão. Em todo o caso, daqui para o futuro, tudo será regulado em bases mais razoáveis. A partilha do alimento, sem prestação de serviços, será suspensa: em vez disso, cada qual poderá ganhar honestamente a própria subsistência, com o próprio trabalho. A senhorita Chen Tê resolveu dar emprego a todos. Aqueles, de vocês, que quiserem ir comigo, agora, aos galpões do senhor Chu Fu, não perderão a viagem.
- CUNHADA - Isso quer dizer que nós vamos ter que trabalhar para a senhorita Chen Tê?
- CHUI TÁ - É. Trabalhar. No beneficiamento do fumo. Há no depósito três fardos de mercadoria: vão lá buscar.
- CUNHADA - Não se esqueça que nós fomos donos da loja! Também temos fumo nosso, e preferimos trabalhar por conta própria.
- CHUI TÁ - (AO DESEMPREGADO E AO MARCENEIRO) Vocês aí, que não possuem fumo, talvez aceitem trabalhar para Chen Tê.
(O MARCENEIRO E O DESEMPREGADO CAMINHAM DESALENTADOS PARA O DEPÓSITO. ENTRA A SRA. MI TSU, DONA DO PRÉDIO)
- SRA. MI TSU -Então, senhor Chui Tá, e a venda? Eu trouxe aqui os trezentos dólares.



- CHU TÁ - Senhora Mi Tsu, eu decidi não vender o contrato de aluguel.
- SRA.MI TSU- Como? De repente não querem mais dinheiro para o aviador?
- CHUI TÁ - Não.
- SRA.MI TSU -E tem para o aluguel?
- CHUI TÁ - (MOSTRANDO) Aqui está um cheque de dez mil dólares assinado pelo senhor Chu Fu, que se interessa pela minha prima. Verifiquei, senhora Mi Tsu. Os seus trezentos dólares, pelo aluguel dos próximos seis meses, a senhora terá em mãos antes das seis da tarde. E agora me dê licença: eu estou muito ocupado.
- SRA.MI TSU- Dez mil dólares de prata! Eu fico cada vez mais assombrada com a volubilidade e com a superficialidade das mocinhas de hoje em dia, senhor Chui Tá. (SAI)
(O MARCENEIRO E O DESEMPREGADO ENTRAM COM O FUMO)
- MARCENEIRO- Nem sei porque faço isto...
- CHUI TÁ - Eu sei, senhor Lin To: é porque o senhor perdeu sua oficina, bebeu tudo o que lhe restava e seus filhos estão com fome.
- CUNHADA - (PRESTANDO A ATENÇÃO AOS SACOS) Meu cunhado esteve aqui?
- SRA. CHIN - Esteve.
- CUNHADA - Eu logo vi, estou conhecendo os nossos sacos de fumo!
- CHUI TÁ - Esse fumo aí é meu, vocês viram que estava no meu depósito. Mas se tem alguma dúvida, podemos ir esclarecê-la na polícia. Quer?
- CUNHADA - (COM RAIVA) Não.
- CHUI TÁ - Ao que parece, vocês não tem fumo nenhum. Nessa situação talvez aceitem a mão amiga que Chen Tê lhes oferece. E agora tenham a bondade de me ensinar o caminho, até os galpões do senhor Chu Fu! (VÃO SAINDO, TENDO À FRENTE CHUI TÁ)
- WANG - Ele não chega a ser ruim, mas alma boa é Chen Tê.
- SRA. CHIN - Não sei: na corda havia uma calça que o primo dela vestia. Isso talvez signifique alguma coisa, e eu preciso saber.
(ENTRA O CASAL DE VELHOS DA LOJA DE TAPETES)
- VELHA - A senhorita Chen Tê, não está?
- SRA. CHIN - Viajou.
- VELHA - Estranho: ia trazer-nos uma coisa...

WANG - (DOLOROSAMENTE) Ia me ajudar, também. Mas talvez ela volte logo: o primo sempre se demora pouco.

SRA. CHIN - Pois é, não é?



INTERLÚDIO
NO ABRIGO DE WANG.

WANG - Antes que vossa aparição me fizesse acordar, Santíssimos, eu estava vendo, em sonho, minha boa irmã Chen Tê em enormes aflições no juncal do rio, bem no ponto onde é costume achar os corpos suicidas. Ela oscilava estranhamente e tinha o pescoço curvado, como se fosse arrastando alguma coisa mole, mas pesada, que a obrigasse a afundar no lodo. Ao meu chamado, ela me respondeu que precisava levar para a outra margem o fardo dos mandamentos: sem molhar, para não borrar as letras. A bem dizer, eu não vi nada sobre os ombros dela. Mas me lembrei assustado, de que, ao agradecerdes a acolhida que ela vos propiciou, naquela noite em que procuráveis pousada, vós lhes havíeis falado em fabulosas virtudes. Ah, com que vergonha eu lembro! Estou certo de que compreendeis minha preocupação com ela!

3º DEUS - Que sugeres?

WANG - Um ligeiro abrandamento em vossas prescrições, Santíssimos: algo que tornasse mais leve o fardo dos mandamentos, ó Magnânicos, em vista destes tempos tão ruins.

3º DEUS - Como, Wang, como seria isso?

WANG - Pedindo "benevolência," por exemplo, em vez de "amor"...

3º DEUS - Mas isto ainda é mais difícil, infeliz!

WANG - Ou "equidade" em lugar de "justiça"...

3º DEUS - Vai dar muito mais trabalho!

WANG - Ou pura e simples "decência" em vez de "honra"...

3º DEUS - Tudo isso há de custar muito mais, é espírito incerto!

(OS DEUSES VÃO SAINDO)

CENA VIII

NOS BARRACÕES DO SR. CHU FU, CHUI TÁ INSTALOU UMA PEQUENA FÁBRICA DE FUMO. ALI, ACOMODAM-SE PESSOAS, INCLUINDO A CUNHADA, O AVÔ, E O MARCENEIRO. ENTRA A SRA. IANG ACOMPANHADA DE SEU FILHO SUN)

SRA. IANG - (AO PÚBLICO) Devo contar com meu filho Sun graças a austeridade e à sapiência do senhor Chui Tá, a quem todos estimam, que deixou de ser um perdido para tornar-se uma pessoa útil. Como o bairro inteiro sabe, o Sr. Chui Tá abriu, perto do matadouro, uma pequena fábrica de fumo, em visível progresso. Há uns três meses fui forçada a ir procurá-lo, com meu filho. Recebeu-me, depois de curta



espera.

(DO INTERIOR DA FÁBRICA, VEM CHUI TÁ)

CHUI TÁ - Em que lhe posso servir, sra. Iang?

SRA. IANG - Senhor Chui Tá, eu desejava dar-lhe só uma palavrinha, a respeito do meu filho! A polícia esteve hoje em nossa casa, e disseram que o senhor, em nome da senhorita Chen Tê, havia feito queixa dele por quebra de promessa matrimonial e apropriação indébita de duzentos dólares de prata...

CHUI TÁ - É exato, sra. Iang.

SRA. IANG - Senhor Chui Tá, pelo amor dos deuses, não poderia dar a ele uma vez mais o veredicto da misericórdia? O dinheiro está perdido: em dois dias ele o dilapidou, ao ver por terra a possibilidade do emprego de aviador. É um tratamento, eu sei: chegou a vender a nossa mobília e já ia fugir para Pequim sem a sua velha mãe! (CHORA) E a senhorita Chen Tê, que gostava tanto dele!

CHUI TÁ - O que tem a me dizer, senhor Iang Sun?

SUN - Não tenho mais o dinheiro.

CHUI TÁ - Senhora Iang, considerando a fraqueza que minha prima, por motivos que aliás não compreendo, já demonstrou no caso do seu filho, estou pronto a experimentá-lo ainda uma vez! Ela me disse que esperava uma reabilitação, pelo trabalho honrado; posso lhe dar um emprego em minha fábrica... Pouco a pouco, aqueles duzentos dólares irão sendo abatidos no salário.

SUN - É: fábrica ou prisão?

CHUI TÁ - Cabe ao senhor escolher.

SUN - E com Chen Tê, não posso mais falar?

CHUI TÁ - Não.

SUN - E em que lugar é o meu trabalho?

SRA. IANG - Mil vezes agradecida, senhor Chui Tá! O senhor é infinitamente bom, e os deuses hão de dar-lhe a recompensa. (A SUN) Tu te afastaste do caminho certo: agora procura tornar a ele pelo trabalho honesto, para não teres vergonha de olhar tua mãe nos olhos! (SUN SEGUE O SR. CHUI TÁ)

SRA. IANG - (AO PÚBLICO) As primeiras semanas foram árduas para Sun. Não o animava o trabalho: achava poucas oportunidades para se destacar. Mas na terceira semana veio ajudá-lo um pequeno incidente: ele e Lin To, o antigo marceneiro, tinha, que remover alguns fardos de fumo...



(SUN E O MARCENEIRO VEM, COM DOIS FARDOS CADA)

- MARCENEIRO- (OFEGANTE, PÁRA E DEIXA--SE CAIR SOBRE OS FARDOS) Eu não aguento mais!
- SUN - (SENTA--SE) Por que não larga tudo aí de uma vez?
- MARCENEIRO- E vamos viver de que? Ah se a senhorita Chen Tê viesse! Ela que era tão boa!
- SUN - Não era das piores. Se as circunstâncias não fossem tão más, teríamos dado certo um com o outro... Quem me dera saber onde ela está! Bom, é melhor irmos tocando: a esta hora ele costuma aparecer.
(LEVANTAM--SE AMBOS)
- SUN - (VENDO CHEGAR O SR. CHUI TÁ) Dá aqui um desses fardos, ó aleijado! (APANHA O FARDO E SAI CARREGANDO)
- MARCENEIRO- Muito obrigado!
(ENTRA CHUI TÁ)
- SRA. IANG - Com um simples olhar, naturalmente o senhor Chui Tá viu logo o empregado que tinha, sem desamor ao trabalho... e interferiu:
- CHUI TÁ - Esperem! Por que vais levando um saco só?
- MARCENEIRO- Hoje me sinto um pouco fatigado, e Inag Sun teve a gentileza...
- CHUI TÁ - Volta lá e pega três sacos, meu amigo! O que Iang Sun pode fazer, tu deves poder também: Iang Sun tem boa vontade, e é o que te falta!
- SRA. IANG - (O MARCENEIRO VAI) Ele não disse uma palavra a Sun, é claro, mas nada escapava ao senhor Chui Tá. E no sábado seguinte, na hora do pagamento...
(É COLOCADA UMA MESA, E CHUI TÁ VEM COM A SACOLA DE DINHEIRO, EM PÉ, SOB AS VISTAS DO GERENTE - O ANTIGO DESEMPREGADO - VAI PAGANDO OS SALÁRIOS DA SEMANA. SUN CHEGÀ EM FRENTE À MESA)
- GERENTE - Iang Sun, seis dólares de prata!
- SUN - Queiram me desculpar, mas só podem ser cinco! Cinco dólares! (APANHA DAS MÃOS DO GERENTE A FOLHA DE PAGAMENTO) Verifiquem, por favor: aqui constam, por engano, seis dias de trabalho, porém um dia tive de faltar para atender a intimação judicial! (COM DISSIMULAÇÃO) Não quero receber o que não me pertence, apesar de tão baixo o meu salário.
- GERENTE - Pois então, cinco dólares! (A CHUI TÁ) Um caso raro, senhor Chui Tá!
- CHUI TÁ - Como é que constam seis dias, se foram apenas cinco?



GERENTE - De fato devo ter-me enganado, senhor Chui Tá. (SUN) Is
so não acontece mais.

CHUI TÁ - (A SUN, LEVANDO-O PARA UM LADO) Há tempos tive ocasião de reparar que você é um tipo forte e não sonega sua força à Firma. Hoje estou vendo que é também um homem honrado. Isto acontece muito, o Gerente enganar-se em prejuízo da Firma?

SUN - Ele fez amizades entre os operários, e considera-se um deles...

CHUI TÁ - Compreendo. Gostaria de agradecê-lo.

SUN - E eu gostaria de ter a oportunidade de demonstrar que sou também uma pessoa inteligente. Tive alguma instrução, o senhor sabe. E o Gerente, despreparado como é, não sabe ver os interesses do Patrão. Dê-me uma semana de experiência, senhor Chui Tá, e creio poder mostrar que para a Empresa, a minha inteligência vale muito mais que a força dos meus músculos.

SRA. IANG - Foram palavras atrevidas, as do meu filho, mas ele ganhou a chance e a verdade é que, na fábrica do sr. Chui Tá meu filho fez maravilhas!
(SUN, DE PÉ, AS PERNAS ENTREABERTAS, DÁ ORDENS AOS OPERÁRIOS)

SUN - Isso não é trabalho de gente honesta! O cesto precisa andar mais depressa! Tu aí, podes dar mais no serviço de prensagem! Seus cães vadios, vocês ganham salários para quê? Mais depressa, vamos! Só há moleza, por aqui. Você aí, vovô, se não pode mais trabalhar também não atrapahe!

SRA. IANG - E nenhuma hostilidade, nenhuma ofensa, daquela gente ignorante, fez meu filho recuar diante do cumprimento do dever.

CANÇÃO DO OITAVO ELEFANTE, CANTADA POR UM DOS OPERÁRIOS.

SRA. IANG - Não sabíamos como agradecer ao bom senhor Chui Tá. Quase sem interferir, com energia e sapiência, ele fez vir à tona tudo que de bom Sum trazia em si. E sem fazer promessas fabulosas, como a tal prima que tanto elogiam: simplesmente forçando-o a um trabalho honrado! Hoje, passados três meses, Sun tornou-se outro homem - cumpre reconhecer: como os antigos diziam: "a alma nobre é como um sino: quando a gente bate, soa, quando não bate, não soa."

CENA IX

NA TABACARIA DE CHEN TÊ. A LOJA ESTÁ TRANSFORMADA NUM ESCRITÓRIO COM POLTRONAS DE COURO E BONS TAPETES. CHOVE. CHUI TÁ, MAIS GORDO, DESPEDE-SE DO CASAL DE VELHOS TAPECEIROS. A SRA. CHIN, DIVERTIDA, OLHA: TRAJA ROUPAS VISIVELMENTE NOVAS.

CHUI TÁ - Lamento não poder dizer quando ela voltará.

- VELHA - Recebemos hoje uma carta contendo os duzentos dólares que lhe tínhamos emprestado: não dava indicação do remetente, mas só podia ser de Chen Tê. Gostaríamos de escrever a ela: qual o endereço?
- CHUI TÁ - Infelizmente, isto eu também não sei.
- VELHO - Vamos embora.
- VELHA - Qualquer dia ela vai ter mesmo que voltar.
(CHUI TÁ INCLINA-SE) (OS VELHOS SAEM)
- SRA. CHIN - Recuperaram o dinheiro tarde demais: já haviam perdido a loja por não poderem pagar os impostos.
- CHUI TÁ - Por que não vieram a mim?
- SRA. CHIN - Ninguém vem vê-lo por gosto. Como não tinham nada por escrito ficaram esperando que Chen Tê voltasse. Mas ela não voltou.
- CHUI TÁ - (SENTE-SE MAL, PRECISA SENTAR) A vertigem, de novo!
- SRA. CHIN - (ATENDENDO) Está no sétimo mês! As emoções não são para você. Alegre-se de ainda me ter aqui: ninguém pode passar sem uma ajudazinha. Enfim, no momento extremo, eu estarei do seu lado. (RI-SE)
- CHUI TÁ - (DEBIL) Posso contar com isso, sra. Chin?
- SRA. CHIN - Pode, pode! Naturalmente vai custar-lhe um dinheirinho! Vamos, desabote a gola: ficará melhor.
- CHUI TÁ - (MISERÁVEL) Tudo pela criança. senhora Chin.
- SRA. CHIN - Tudo pela criança.
- CHUI TÁ - Mas estou engordando depressa demais. Vai dar na vista.
- SRA. CHIN - Corre por conta de sua prosperidade.
- CHUI TÁ - E o menino? Que vai ser dele?
- SRA. CHIN - Isso você pergunta três vezes por dia: vamos pô-lo numa creche, na melhor que houver, pagando a peso de ouro!
- CHUI TÁ - É sim. (COM MEDO) E que ele nunca tenha que ver Chui TÁ!
- SRA. CHIN - Nunca. Sempre e só Chen Tê.
- CHUI TÁ - Mas os boatos do bairro! O aguadeiro e a sua tagarelice! Vivem rondando a loja!
- SRA. CHIN - Enquanto o barbeiro não sabe, nada está perdido. Beba um gole d'água!
(ENTRA SUN NUM BOM TRAJE E COM UMA PASTA DE HOMEM DE NEGÓCIOS. VÊ, ESPANTADO, CHUI TÁ NOS BRAÇOS DA SRA. CHIN)





- SUN - Estou... atrapalhando?
- CHUI TÁ - (LEVANTA -SE COM ESFORÇO) Então, até amanhã, sra. Chin. (A SRA. CHIN, CALÇANDO AS LUVAS, SAI)
- SUN - Luvas! Desde quando quando, por que, como!? Será que ela anda lhe estorquindo alguma coisa? (CHUI TÁ NÃO RESPONDE) Ou o senhor também seria dado a... sentimentos ternos? (TIRA PAPÉIS DA PASTA) Em todo caso, nestes últimos tempos, o senhor não tem se portado à altura: pelo menos a sua altura! Caprichos... Indecisões... Está doente? Os ne gócios se ressentem.
- CHUI TÁ - (OLHA-O POR UM MOMENTO COM O AR DISTANTE. DEPOIS, VAI AO DEPÓSITO E VOLTA COM UM PACOTE: TIRA DE DENTRO UM CHAPÉU COCO, E LANÇA-O SOBRE A ESCRIVANINHA)
- CHUI TÁ - A Firma quer os seus representantes decentemente vestidos.
- SUN - Comprou isto para mim?
- CHUI TÁ - (INDIFERENTE) Experimente, para ver se serve. (SUN ESPANTADO, PÕE O CHAPÉU. CHUI TÁ CORRIGE A POSIÇÃO)
- SUN - Obrigado! Mas não tente mudar de assunto: hoje é preciso discutir com o barbeiro o plano do novo empréstimo.
- CHUI TÁ - O barbeiro quer impor condições inaceitáveis.
- SUN - Mas que condições? Se ao menos o senhor me dissesse.
- CHUI TÁ - Os barracões me servem muito bem.
- SUN - Sim, servem para a gatinha que está trabalhando lá, mas não para o fumo, que está ficando úmido. Precisamos dos imóveis da sra. Mi Tsu. Mas deixa que eu falo com ela: com umas palmadinhas nos joelhos, arranjarei o lugar pela metade do preço.
- CHUI TÁ - (INCISIVO) Nada disso! Para manter o bom nome da Firma, quero que observe a regra funcional e a frieza pessoal de um homem de negócios!
- SUN - Por que o senhor anda tão irritado? Será que o incomodam as comadres do bairro?
- CHUI TÁ - Não tenho tempo para comadres.
- SUN - Então há de ser a chuva: a chuva deixa-o sempre melancólico e irritável. Eu gostaria de saber por que!
- WANG - (ENTRANDO) Eu torno a perguntar, senhor Chui Tá, quando é que Chen Tê vai voltar? Já se passaram seis meses que ela saiu de viagem. (CHUI TÁ CONTINUA EM SILÊNCIO) Senhor Chui Tá, já correm no bairro certos boatos de que talvez algum mal se tenha feito a Chen Tê. Nós, que somos ami-



gos, ficamos preocupados. O senhor tenha a bondade de informar qual o paradeiro dela.

- CHUI TÁ - Lastimo não ter tempo agora, senhor Wang. Volte para a semana.
- WANG - (AGITADO) Também se viu que o arroz, que alguns necessitados vinham aqui buscar, voltou a amanhecer perto da porta, de uns tempos para cá.
- CHUI TÁ - E o que se conclui daí?
- WANG - Que Chen Tê não foi mesmo viajar.
- CHUI TÁ - Senhor Wang, de uma vez por todas eu lhe darei a resposta: se o senhor é amigo de Chen Tê, pergunte o menos possível por ela!
- WANG - Bela resposta, senhor Chui Tá: pouco antes de desaparecer, Chen Tê me revelou que estava grávida!
- SUN - O que?
- CHUI TÁ - (RÁPIDO) Mentira!
- WANG - Senhor Chui Tá, não creia que os amigos de Chen Tê vão desistir de procurá-la: uma alma boa não se esquece assim! Elas não andam sobrando! (SAI)
(CHUI TÁ OBSERVA, ESTARRECIDO. DEPOIS, VAI AO DEPÓSITO)
- SUN - (AO PÚBLICO) Chen Tê grávida! Isto é de enlouquecer: fui tapeado! Ela deve ter dito ao primo e esse patife na certa só pensou em despachá-la! Isto é positivamente monstruoso! É desumano! Eu tenho um filho, um Iang deponta no horizonte, e que acontece? A mãe desaparece e eu fico me esfalfando no trabalho! (GRITA) Criminoso! Ladrão! Raptor! E pensar que a moça está completamente indefesa! (OUVE-SE UM SOLUÇAR NO DEPÓSITO. SUN FICA QUIETO, OUVINDO) Ouvei um soluçar. Quem soluçou? E que significa o arroz denovo na porta, todas as manhãs? Será que a moça está aí e ele a mantém escondida? Senão, quem poderia soluçar lá dentro? Se estiver mesmo grávida, preciso por a mão em cima dela!
(CHUI TÁ RETORNA DOS FUNDOS DA LOJA)
- SUN - Então, cadê a moça?
- CHUI TÁ - Por que pergunta?
- SUN - Talvez porque ainda não seja inteiramente alheio ao que lhe diz respeito.
- CHUI TÁ - (FICA EM SILÊNCIO)
- SUN - Em todo caso, a sorte dela me preocupa o suficiente para eu não fechar os olhos se, por exemplo, ela se vir cercada em sua liberdade de ação...



- CHUI TÁ - Ora por quem?
- SUN - Pelo senhor.
(PAUSA)
- CHUI TÁ - E você, nesse caso, que faria?
- SUN - Talvez reivindicasse, antes de tudo, outra posição na Firma.
- CHUI TÁ - Muito bem... e se a Firma, quer dizer, se eu lhe desse uma situação conveniente, poderia ter certeza de você abandonar toda essa investigação?
- SUN - Talvez.
- CHUI TÁ - E como você se imagina em sua nova posição na Firma?
- SUN - Eu dando as ordens! Penso em pô-lo na rua, por exemplo!
- CHUI TÁ - E se a Firma o pusesse na rua, a você e não a mim?
- SUN - Então, provavelmente, eu voltaria, com a polícia.
- CHUI TÁ - E suponhamos que a polícia não ache ninguém aqui?
- SUN - Mas será necessário que ela reviste o depósito atrás da loja, senhor Chui Tá! (OLHAM-SE) Ela está grávida, vai ter necessidade de uma pessoa a seu lado! Vou falar com o aguadeiro! (SAI)
(IMPASSÍVEL, CHUI TÁ O VÊ SAIR. DEPOIS, VAI RAPIDAMENTE AO DEPÓSITO E VOLTA COM OS OBJETOS PESSOAIS DE CHEN 'TÊ: PEÇAS DE ROUPA, ARTIGOS DE TOILETE. OLHA DEMORADAMENTE O XALE COMPRADO AO CASAL DE TAPECEIROS. FAZ DE TUDO UM AMARRADO E ESCONDE, AO OUVIR BARULHO, SOB A MESA)
(ENTRA O SR. CHU FU)
- SR. CHU FU - Senhor Chui Tá, sinto profundo desprazer em conversar com o senhor sobre seus problemas intermináveis. Proponho uma ceia com sua prima e o senhor vem falar de apertos financeiros: coloco às ordens da moça uns galpões para os sem-abrigo e lá vai o senhor instalar uma fábrica; dou a ela um cheque em branco e é o senhor quem faz o cheque. A prima desaparece e o senhor quer cem mil dólares, a pretexto de que meus galpões são pequenos... Onde está sua prima, senhor Chui Tá.
- CHUI TÁ - Calma, senhor Chu Fu! Posso dar hoje a notícia que ela muito em breve há de voltar!
- CHU FU - Breve, quando?
- CHUI TÁ - (GUARDA SILÊNCIO)
- CHU FU - Muito bem. Eu já lhe disse antes: com sua prima eu faço qualquer negócio, mas com o senhor eu não discuto mais. Pela última vez: quando voltará sua prima, senhor Chui Tá?



- CHUI TÁ - Daqui a três meses.
- CHU FU - Daqui a três meses terá o dinheiro.
(RUMORES DA MULTIDÃO. ENTRAM SUN, WANG E O POLICIAL)
- POLICIAL - Senhor Chui Tá, para desgosto meu, rumores que circulam pelo bairro obrigam-me a tomar conhecimento de uma denúncia, aliás de pessoa da Firma, segundo a qual o senhor estaria cercando a liberdade de sua prima Chen Tê!
- CHUI TÁ - Não é verdade!
- POLICIAL - O senhor Iang Sun, aqui presente, declarou ter ouvido, no depósito do fundo, um soluço que só podia ser de pessoa do sexo feminino. Infelizmente tenho ordem de inspecionar o depósito.
(CHUI TÁ ABRE A PORTA. O POLICIAL, INCLINANDO-SE NA SOLEIRA DA PORTA, ENTRA. OLHA DENTRO DA PEÇA E VOLTA-SE SCR RINDO)
- POLICIAL - De fato, aqui não há pessoa alguma!
- SUN - Mas eu ouvi o soluço! (DÁ COM OS OLHOS SOB A MESA. APANHA OS OBJETOS) Isto, ainda agora não estava aqui!
- WANG - As coisas de Chen Tê! (CORRE À PORTA, GRITA PARA A MULTIDÃO) As roupas dela estavam escondidas!
- POLICIAL - O senhor diz que sua prima está viajando. Encontra-se, escondida debaixo da mesa, uma trouxa com as coisas dela. Onde está a moça, senhor Chui Tá?
- CHUI TÁ - O endereço, não sei.
- POLICIAL - Pois é uma pena.
- MULTIDÃO - Descobriram as roupas dela! O primo assassinou a moça e se desfez do corpo! Mataram Chen Tê!
- POLICIAL - Senhor Chui Tá, devo intimá-lo a acompanhar-me ao Comissariado.
- CHUI TÁ - (INCLINA-SE DIANTE DO SR. CHU FU) Peço que me perdoe este escândalo! Mas ainda existe um juiz em Se-Tsuan: estou certo de que tudo, em pouco tempo, se esclarecerá.
(SAI NA FRENTE DO POLICIAL)
- WANG - Foi praticado um crime pavoroso!
- SUN - (DESCONCERTADO) Mas ali houve um soluço...

INTERLÚDIO

- 1º DEUS - É espantoso! Nossa investigação foi um fracasso! Achemos pouquíssimas almas boas, e essas poucas não tinham sequer uma vida digna de ser humano. Resolvemos ficar com Chen Tê.



- 2º DEUS - Tomara que ela continue sendo boa.
- 1º DEUS - Ah, o mundo que nós vimos! Por toda parte, miséria, baixza e desolação! Até a paisagem nos desencantou: árvores decapitadas pelos fios do telégrafo, e para além das montanhas, nuvens de fumo e estouros de canhões, e em nenhum canto uma alma boa que resista...
- 3º DEUS - Até parecem funestos os nossos mandamentos! Receio que precisem ser riscados todos os nossos preceitos. As criaturas já tem muito o que fazer, só para agüentar a vida: pelas boas intenções chegam à beira do abismo, e já as boas ações atiram-nas dentro dele! Vocês tem que confessar: este mundo é inabitável!
- 2º DEUS - Não, os homens é que não valem nada!
- 3º DEUS - O mundo é frio demais!
- 2º DEUS - É porque os homens são fracos demais!
- 1º DEUS - Vamos parar, irmãos! Não podemos desesperar! Enfim, sempre encontramos uma que era boa. Vocês mesmos não disse-ram que tudo estaria bem se descobrísemos ao menos uma criatura humana capaz de resistir neste mundo - uma que fosse? Pois vamos procurá-la.

CENA X

NA SALA DO TRIBUNAL. EM GRUPOS: O SENHOR CHU FU E A SRA. MI TSU. SUN E A SRA. IANG. MARCENEIRO, AVÔ, RAPARIGA, VELHO E VELHA, SRA. CHIN, POLICIAL E CUNHADA.

- VELHO - Ele é muito influente.
- WANG - Está querendo abrir mais doze lojas.
- MARCENEIRO - Ora, como esperar uma sentença justa se os amigos dele são amigos do juiz?
- CUNHADA - Ontem à noite foi vista a senhora Chin trazendo um enorme pato para a cozinha do senhor Juiz, e era da parte do senhor Chui Tá; a gordura escorria da vasilha.
- VELHO - (A WANG) A nossa pobre Chen Tê nunca mais será encontra-da!
- WANG - Só os deuses poderiam mostrar a verdade.
- POLICIAL - Silêncio! A egrégia Côrte!
(ENTRAM, COM TOGAS DE JUIZES, OS TRÊS DEUSES. ENQUANTO SO BEM O ESTRADO EM DIREÇÃO A SEUS LUGARES, OUVES-SE O QUE ELES COCHICHAM)
- 3º DEUS - Vai dar na vista: os nossos documentos estão mal falsifi-cados



- 2º DEUS - Também essa repentina indigestão do Juiz... talvez dê no que falar...
- 1º DEUS - Não sei porque... ele comeu a metade do pato...
- SRA. CHIN - Os juizes são novos!
- WANG - E dizem que muito bons.
(SENTAM-SE OS DEUSES. O 1º DEUS BATE NA MESA COM UM MARTELO. O POLICIAL ENTRA SEGURANDO CHUI TÁ, QUE É RECEBIDO COM VAIAS)
- 1º DEUS - (ABRINDO A SESSÃO) O senhor Chui Tá, grande negociante de fumo?
- CHUI TÁ - Sim.
- 1º DEUS - Consta contra o senhor a acusação de que fez desaparecer sua prima consangüínea, a senhorita Chen Tê, com o fim de apropriar-se dos negócios dela. Reconhece-se culpado?
- CHUI TÁ - Não.
- 1º DEUS - (CONSULTANDO OS AUTOS DO PROCESSO) Ouviremos primeiro o oficial de polícia do bairro, sobre a reputação do réu e a reputação da vítima.
- POLICIAL - O senhor Chui Tá é um homem de bons princípios. A generosidade de sua prima te-lo-ia obrigado eventualmente a tomar providências mais severas. Não obstante, Meretíssimo, ao contrário da senhorita, ele sempre se manteve ao lado da Lei: certa vez desmascarou uma súcia de ladrões que a prima havia hospedado como pessoas de absoluta confiança, e de outra feita impediu que no momento decisivo a senhorita Chen Tê levasse a cabo um falso testemunho. Pelo que sei, o senhor Chui Tá é um cidadão respeitável e respeitador das Leis.
- 1º DEUS - Acham-se no recinto outras pessoas que desejem depor em favor do réu?
- SR. CHU FU- Eu! O senhor Chui Tá é um dos homens de negócio mais considerados da cidade: é vice-presidente da Câmara de Comércio e provável Juiz de Paz no bairro em que mora.
- WANG - Está falando em causa própria: tem negócios com ele!
- SRA. MI TSU- Na qualidade de presidente do Comitê de Beneficência, de vo trazer ao conhecimento deste Tribunal que o Senhor, Chui Tá muito em breve já poderá dispor de oficinas arejadas e claras para os numerosos operários que trabalham em suas fábricas de fumo; ele também favorece, com donativos constantes, o nosso Lar dos Inválidos.
- 1º DEUS - Bem, e agora devemos também ouvir os que se desejem pronunciar com menos simpatia pelo acusado.



FALAM AO MESMO TEMPO O MARCENEIRO, WANG, O VELHO E A VELHA, O DESEMPREGADO, A CUNHADA E A RAPARIGA PROSTITUÍDA)

- EXCLAMAÇÕES - Ele nos arruinou! Me extorquiou! Induziu-nos ao mal! Explora os desamparados! Mentiu! Iludiu! Matou!
- 1º DEUS - Que tem o acusado a responder?
- CHUI TÁ - Meretíssimos, eu nada mais fiz do que preservar a pura e simples existência de minha prima. Só vim quando havia perigo dela perder a lojinha. Precisei vir três vezes, e não quis ficar; fiquei, da última vez, por força das circunstâncias. Todo esse tempo só tive aborrecimentos; minha prima cada vez mais benquista, e eu com tarefas cada vez mais espinhosas! Sou odiado por isso.
- CUNHADA - E é mesmo! Vede o nosso caso, Meretíssimos! E isso sem falar nas sacas de fumo... Chen Tê nos tinha dado abrigo e ele nos mandou embora!
- CHUI TÁ - Vocês roubaram os doces!
- CUNHADA - Agora faz de conta que se importava muito com os doces doces do padeiro! Só queria ficar com a loja!
- CHUI TÁ - A loja não era asilo!
- CUNHADA - Mas nós não tínhamos onde ficar!
- CHUI TÁ - E era gente demais!
- WANG - E aqueles dois ali? (APONTA O CASAL DE TAPECEIROS) Também eram egoístas?
- VELHO - Cedemos a Chen Tê nossas economias. Por que nos fizeste perder a nossa própria loja?
- CHUI TÁ - Porque minha prima queria ajudar um aviador a voar de novo: eu tinha que arranjar dinheiro!
- WANG - Ela talvez quisesse isso! Mas a ti, o que interessava era o salário do aviador em Pequim! Não achavas a loja muito boa!
- CHUI TÁ - Era caro demais o aluguel!
- SRA. CHIN - Isso eu posso confirmar.
- CHUI TÁ - Por outro lado, Chen Tê não entendia de negócios.
- SRA. CHIN - Isso eu também posso confirmar. Além do mais, ela estava apaixonada pelo tal aviador.
- CHUI TÁ - E não tinha o direito de amar?
- WANG - Claro que sim! Mas, então, por que quiseste obrigá-la a casar-se com um homem a quem ela não amava: esse barbeiro aí!



- CHUI TÁ - O homem que ela amava era um patife!
- SUN - (LEVANTANDO) E por ser ele um patife, deste-lhe emprego no teu escritório?
- CHUI TÁ - Para que se emendasse! Para que se tornasse útil!
- CUNHADA - Para fazer dele um feitor!
- WANG - Para, depois de bem emendado, vendê-lo àquela ali!
(APONTA PARA A SRA. MI TSU)
- SRA.MI TSU- Mentira! Eu não tenho nada a ver com esse senhor, com esse assassino!
- SUN - Meretíssimos! Eu devo dizer uma palavra a favor do acusado!
- CUNHADA - Claro: é empregado dele!
- DESEMPREGADO - É o mais sinistro feitor que já existiu.
- SUN - Meretíssimos, ó réu pode ter feito de mim o que fez, mas não é um assassino: alguns minutos antes da prisão, ouvi a voz de Chen Tê no depósito da loja!
- 1º DEUS - (ÀVIDO) Então ela está viva? Diga justamente o que ouviu.
- SUN - Um soluço. Um soluço, Meretíssimos.
- 3º DEUS - E pode reconhecê-lo?
- SUN - Perfeitamente. Eu não havia de conhecer a voz dela?
- CHU FU - Sim, tu a fizeste soluçar bastante.
- SUN - Contudo, soube torná-la feliz. Depois,
(REFERE-SE A CHUI TÁ) ele quis vendê-la ao senhor.
- CHUI TÁ - (A SUN) Porque tu não amavas ela!
- WANG - Não: porque estavas querendo dinheiro!
- CHUI TÁ - Mas para que o dinheiro? (A SUN) Tu querias que ela sacrificasse todos os amigos; já o barbeiro lhe oferecia imóveis e recursos para ela poder ajudar aos pobres. Para que ela tivesse meios de fazer o bem. Eu precisava casá-la com o barbeiro.
- WANG - E por que não a deixaste fazer o bem quando foi assinado aquele cheque? Por que mandaste os amigos dela para a imundície da tua fábrica, hein, Rei do Fumo?
- CHUI TÁ - Isso eu fiz pela criança!
- MARCENEIRO- E as minhas crianças? Que fizeste com as minhas crianças?
(CHUI TÁ CALA-SE)



- WANG - Agora não dizes nada! Os deuses deram a ~~1ª~~ a Chen Tê como uma pequena fonte do bem; e o bem sempre ela quis fazer, mas tu sempre aparecias para atrapalhar.
- CHUI TÁ - (FORA DE SI) Porque se não a fonte ia secar, imbecil!
- SRA. CHIN - É certo, Meretíssimos!
- WANG - E para que serve a fonte, se ninguém tira proveito?
- CHUI TÁ - Boas ações significam a falência!
- WANG - (FEROZ) E más ações significam boa vida, não é? Que fizeste com a boa Chen Tê, seu perverso? Quantas almas boas existirão, ó Deuses! Entretanto, ela era boa. Quando aquele dali me arrebentou a mão, ela queria vir testemunhar por mim. Agora testemunho por ela: ela era boa, eu juro! Esse aí é seu maior inimigo!
- CHUI TÁ - Eu era o único amigo!
- TODOS - Onde está a moça?
- CHUI TÁ - Foi viajar.
- WANG - Para onde?
- CHUI TÁ - Isso eu não digo!
- TODOS - E foi viajar por que?
- CHUI TÁ - (AOS GRITOS) porque senão vocês faziam-na aos pedaços!
(FAZ UM SÚBITO SILÊNCIO)
- CHUI TÁ - Não posso mais! Vou esclarecer tudo! Se for evacuada a sala e só ficarem os Juízes, farei uma confissão!
- TODOS - Vai confessar! Reconheceu a culpa!
- 1º DEUS - Que seja evacuada a sala! (BATE NA MESA)
(O POLICIAL CUMPRE A ORDEM)
- SRA. CHIN - A turma vai ficar boquiaberta!
- CHUI TÁ - Sairam? Todos? Não posso mais guardar silêncio: eu vos reconheci, Santíssimos!
- 2º DEUS - Que fizeste com a nossa alma boa de Se-Tsua?
- CHUI TÁ - Deixai que eu vos revele a verdade: vossa alma boa sou eu!
(RETIRA A MÁSCARA E ALGUMAS PEÇAS DE ROUPA)
- 2º DEUS - Chen Tê!
- CHEN TÊ - Sim, sou eu mesma: Chui Tá e Chen Tê!



Vossa recomendação, de ser boa e viver Bem,
me dividiu em duas, como um raio.
Não sei bem como foi: ser boa para os outros
e para mim, ao mesmo tempo, eu não podia.
Servir aos outros e a mim, era um esforço sem nome.
Ah mundo pesado, o vosso: tanta mágoa, tanta fome!
A mão, que se estende a um pobre,
ele quer logo arrancar. Quem ajuda a um desgraçado
acaba se desgraçando... Quem é que consegue, assim,
por muito tempo resistir a ser ruim,
se a gente tem que comer carne, para não morrer?
E de onde iria eu tirar tudo o que era necessário?
De mim, sozinha. E eu me acabava: com tanta boa intenção
eu me enterrava no chão. Quando bancava o patife,
podia andar a vontade e me empanturrar de bife...
Algo deve estar errado em vosso mundo: por que
há prêmio para a Maldade e castigo para o Bem?
A ânsia de ser bem tratada, eu tinha; e tinha também
uma excusa experiência - minha mãe de criação
me banhava na sarjeta, e isso me abriu a visão!
Mas ver a miséria alheia
tanto sofrer me fazia, que eu tinha ganas de lobo
me transportava, sentia
os lábios virando fauces, e as palavras que eu dizia
por gentileza arranhavam como cinza em minha boca...
Contudo, eu queria ser o Anjo dos Subúrbios: era um
prazer fazer o bem. Um rosto, um sorriso,
e eu estava no Paraíso!
Condenai-me! O que fiz,
eu fiz para ajudar ao semelhante
e por amar ao meu amante
e por querer salvar meu filho da penúria.
Para os vossos grandes planos, ó Santíssimos,
eu era bem pequenina e bem pobre criatura!

- 1º DEUS - Não diga mais nada, infeliz! Que havemos de pensar, nós
estavamos tão contentes por te encontrarmos de novo?
- CHEN TÊ - Mas é preciso que diga: eu sou essa alma perversa de
quem aqui tanto falaram mal!
- 1º DEUS - Essa alma boa, de quem aqui tanto falaram bem!
- CHEN TÊ - Não, a perversa!
- 1º DEUS - O que houve foi um malentendido! Alguns fatores adver-
sos! Um par de vizinhos sem coração! Um excesso de zelo!
- 2º DEUS - Mas poderá continuar vivendo?
- 1º DEUS - Poderá muito bem: é uma pessoa robusta, em condições de
aturar muito.
- 2º DEUS - Mas você não ouviu o que ela disse?
- 1º DEUS - Tudo muito confuso! Incrível, absolutamente incrível! De-
vemos admitir que os nossos mandamentos estão errados?



Devemos abrir mão dos nossos mandamentos? Nunca! O mundo precisa ser transformado? Como!? Por quem? Não: está tudo em ordem! Na mais perfeita ordem! (BATE COM O MARTELO NA MES. FAZ-SE MÚSICA. ESPALHA-SE UMA LUZ ROSEA)

- 1º DEUS - Regressemos, então! Este pequeno mundo nos cativou: com suas alegrias e tristezas, ele nos alegrou e entristeceu. De lá, além das estrelas, pensaremos em ti Chen Tê, alma boa, que aqui, na fria escuridão, sustenta a luz do boso espírito, mesmo que numa pequena vela. Adeus! E que sejas boa! (COMEÇAM A SAIR)
- CHEN TÊ - Não, isso não, Santíssimos! Não vos vades embora, não me abandoneis! Como posso encarar os dois bons velhos, que ficaram sem loja? E o aguadeiro, com a mão quebrada? E como defender-me do barbeiro, a quem não amo! E de Sun, a quem amo? E o meu filho vai chegar e quer comer...Eu não posso ficar aqui!
- 1º DEUS - (ASINDO) Podes, sim! Basta seres boa e tudo te correrá bem!
(ATRAÍDOS PELA MÚSICA ENTRAM TESTEMUNHAS)
- WANG - Olhem, é Chen Tê!
- TODOS - Chen Tê!
- 1º DEUS - Estava apenas escondida. Fica aí, com vocês, uma alma boa!
- CHEN TÊ - Mas eu preciso do primo!
- 1º DEUS - Nem sempre!
- CHEN TÊ - Pelo menos uma vez por semana!
- 1º DEUS - Basta uma vez por mês!
- CHEN TÊ - Não, Santíssimos, não vos afasteis! Eu ainda não disse tudo: eu necessito de vós!
- OS DEUSES - Pena não ficarmos mais.
do que um momento fugaz:
muito visto e examinado,
perde o encanto e o belo achado!
Vossos corpos jogam sombras,
sombras contra a luz dourada:
deveis deixar-nos agora
retornar ao nosso Nada.
- CHEN TÊ - Socorro!
- OS DEUSES - Deixai-nos, esta busca terminada,
partir para un novo afa!
Louvada seja, seja louvada
a alma boa de Se Tsuan!

EPÍLOGO

UM ATOR ADIANTA-SE E, NA FRENTE DA CORTINA, APRESENTA AO PÚBLICO DES
CULPAS EM FORMA DE EPÍLOGO)

E agora, Público amigo, não nos interprete mal!
Reconhecemos que este não serve como final:
nós fazíamos idéia de uma lenda cor-de-ouro
e ela, disfarçadamente, assumiu um tom de agouro.
E também ficamos tristes ao notar, por nosso lado,
os problemas em aberto e o pano-de-boca fechado.
Qualquer sugestão, por isso, acatamos com respeito:
vocês estejam em casa e disso tirem proveito!
Não poderíamos ter mair mágoa ao confessar
o nosso próprio fracasso, se alguém não nos ajudar;
talvez nada nos ocorra, agora, de puro medo...
isso acontece. Entretanto - como acabar este enredo?
Já batemos o bestunto e nada achamos no fundo.
Se outros fossem os homens? Ou se outro fosse o mundo?
Ou se os deuses fossem outros? Ou nenhum? Como seria?
Assim é que estamos mal, sem nenhuma fantasia.
Para esse horrível impasse, a solução, no momento,
talvez fosse vocês mesmos darem trato ao pensamento
até descobrir-se um jeito pelo qual pudesse a gente
ajudar uma alma boa a atingir um fim decente...
Querido Público, vamos! Busquem sem esmorecer!
Deve haver uma saída: deve haver, e tem que haver!

F I M

TEATRO DE ARENA - 226-0249
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000